



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
PORTUGAL

Estatísticas Agro-Industriais

Leite e Derivados 1996-2000



Ano de edição 2001

Resumo

Esta publicação tem como objectivo a caracterização do sector do Leite e Derivados, no período 1996-2000.

Encontra-se organizada em quatro capítulos que compreendem a recolha de leite, a transformação industrial, a caracterização do tecido empresarial e o comércio internacional. São ainda incluídas notas metodológicas e conceitos, por forma a permitir ao utilizador uma melhor compreensão da informação apresentada.

Esta publicação, além de conter os quadros com os principais dados relativos ao período 1996-2000, apresenta análises sumárias sobre a evolução das principais variáveis relativas aos diferentes temas, ilustradas com gráficos.

Alguns resultados:

- A recolha de leite de vaca em Portugal tem vindo a aumentar nos últimos anos, mas apenas representa 1,6 % do total da União Europeia.
- O leite ultrapasteurizado meio gordo, com 56 % da produção, é o mais produzido.
- O volume de negócios das empresas do sector do Leite e Derivados subiu o seu peso relativo no conjunto das Indústrias Alimentares e das Bebidas de 11,3 % para 13,2 % entre 1996 e 1999.
- O saldo comercial dos produtos do Leite e Derivados foi em, 1999, de -15 369 milhões de escudos.

Abstract

The aim of this publication is to characterise the Dairy products Industry, considering the period 1996-2000.

It is organised in four chapters that include milk collection, industrial transformation, firm's economical characterisation and foreign trade.

It also includes methodological notes and concepts to give the user a better understanding of the information.

This publication presents information about the main results of the period 1996 - 2000 and analyses the main variable's evolution.

Some of the main results are:

- Cow's milk collection in Portugal has been raising, although it only represents 1,6 % of total milk collection in the European Union.
- Ultra High Temperature (UHT) milk, semi-skimmed, is the most produced type of milk, which represents 56 % of the total production.
- The turnover of the Dairy products Industries raised within the total turnover of Food and Beverages Industries.
- In 2000 the Dairy products balance trade was -15 369 millions of escudos.

SINAIS CONVENCIONAIS

...	=	Dado confidencial
-	=	Resultado nulo
°	=	Dado inferior a metade do módulo da unidade utilizada

NOTA – Por razões de arredondamento, os totais podem não corresponder à soma das parcelas

SIGLAS

CAE	=	Classificação Portuguesa das Actividades Económicas das Comunidades Europeias – CAE-Rev.2
CMVMC	=	Custo das Mercadorias Vendidas e das Matérias Consumidas
EFJR	=	Escalões de Forma Jurídica
ENPS	=	Escalões de Pessoal ao Serviço
Esc	=	Escudo
EVVN	=	Escalões de Volume de Negócios
FGUE	=	Ficheiro Geral de Unidades Estatísticas
FSE	=	Fornecimentos e Serviços Externos
IAPI	=	Inquérito Anual à Produção Industrial
IEH	=	Inquérito à Empresa Harmonizado
l	=	Litro
Nº	=	Número
n.e.	=	Não especificado
NACE	=	Nomenclatura Geral das Actividades Económicas das Comunidades Europeias
NPS	=	Número de Pessoas ao Serviço
NUTS	=	Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos
%	=	Porcentagem
POC	=	Plano Oficial de Contabilidade
PRODCOM	=	“PRODUCTION COMUnautaire” (Produção Comunitária)
t	=	Tonelada
UAE	=	Unidade de Actividade Económica
Unid.	=	Unidade
VABcf	=	Valor Acrescentado Bruto a custo de factores
VABpm	=	Valor Acrescentado Bruto a preços de mercado

Para esclarecimentos e informações adicionais sobre o conteúdo desta publicação contactar:

Departamento de Estatísticas da Agricultura e Pescas

Núcleo de Estatísticas Agro-Industriais

Telef: 21 842 61 00 – Ext.1043

Fax: 21 842 63 51

E.mail: teresa.mendes@ine.pt

NOTA INTRODUTÓRIA

A presente publicação divulga um conjunto alargado de informação sobre o sector do Leite e Derivados para o período 1996-2000.

Encontra-se organizada em quatro capítulos que compreendem a recolha de leite, a transformação industrial, a caracterização do tecido empresarial e o comércio internacional. São ainda incluídas notas metodológicas e conceitos, por forma a permitir ao utilizador uma melhor compreensão da informação apresentada.

De salientar que, no âmbito da caracterização das empresas, se faz uma comparação entre o sector em Portugal e em Espanha.

A escolha dos temas e a sua abordagem, procurou evidenciar o que de mais relevante caracteriza o sector do Leite e Derivados, recorrendo-se para o efeito a análises sumárias acompanhadas de ilustrações através de gráficos e quadros de dados estatísticos.

A informação estatística apresentada provém essencialmente nos resultados do Inquérito Anual à Produção Agro-industrial, do Inquérito Anual à Empresa Harmonizado e das estatísticas do Comércio Internacional.

O Instituto Nacional de Estatística expressa o seu agradecimento a todos os que, de alguma forma, ajudaram a tornar possível esta publicação, nomeadamente, às empresas que responderam aos inquéritos, às associações profissionais, peritos e outras entidades ligadas ao sector, cujas críticas e sugestões contribuíram decisivamente para a qualidade da informação apresentada.

Espera-se que **Estatísticas Agro-Industriais - Leite e Derivados 1996-2000**, contribua para um melhor conhecimento deste sector e para apoiar o debate em torno das principais questões que se lhe colocam no domínio do Leite e Derivados e encorajam-se vivamente os utilizadores para o envio de críticas e sugestões que ajudem a melhorar o nosso trabalho.

Data de disponibilidade da informação:
30 de Outubro de 2001

Dezembro de 2001

Leite e Derivados 1996-2000



CAPÍTULO 1

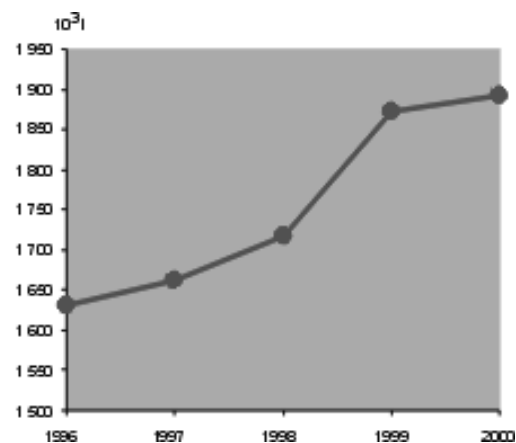
Recolha de Leite de Vaca em Portugal e na União Europeia

1. RECOLHA DE LEITE DE VACA EM PORTUGAL E NA UNIÃO EUROPEIA

A recolha de leite de vaca em Portugal atingiu em 2000 um volume de 1 892 mil toneladas. No período de 1996 a 2000 verificou-se um crescimento de 16 %, o que correspondeu a um aumento de 261 mil toneladas. O crescimento foi mais acentuado de 1998 a 1999, com um aumento de 155 mil toneladas, estabilizando em 2000.

O volume de leite de vaca recolhido na União Europeia foi, em 2000, de 114 133 mil toneladas, representando Portugal 1,6% desse total.

Gráfico 1.1.
Recolha de leite de vaca em Portugal



Quadro 1.1.

Recolha de leite de vaca nos países membros da União Europeia

Unidade: 1 000 t

	1996	1997	1998	1999	2000
União Europeia	113 641	113 575	113 717	114 974	114 133
Alemanha	26 991	26 986	26 752	26 783	26 984
Áustria	2 342	2 419	2 448	2 540	2 661
Bélgica	3 022	2 944	3 287	3 264	3 124
Dinamarca	4 495	4 433	4 468	4 456	4 519
Espanha	5 547	5 463	5 482	5 664	5 413
Finlândia	2 329	2 370	2 363	2 394	2 442
França	23 208	23 045	23 032	23 109	23 271
Grécia	608	617	648	656	556
Irlanda	5 297	5 256	5 091	5 121	5 160
Itália	10 133	10 130	10 292	10 325	10 084
Luxemburgo	187	255	255	258	256
Países Baixos	10 535	10 458	10 541	10 777	10 545
Portugal	1 632	1 661	1 717	1 872	1 892
Reino Unido	14 058	14 261	14 063	14 456	13 929
Suécia	3 258	3 276	3 278	3 299	3 297

Gráfico 1.2.
Recolha de leite de vaca na União Europeia



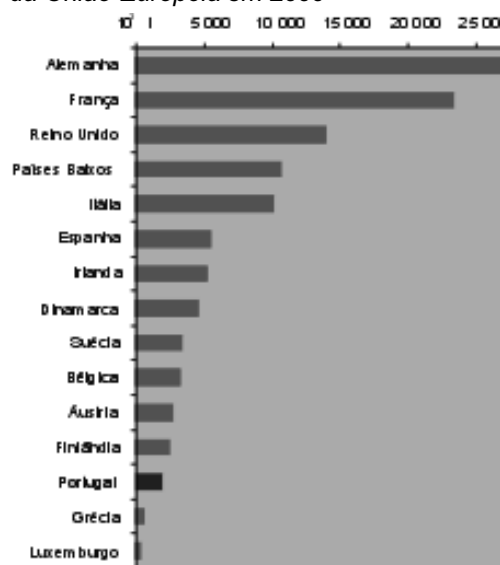
Fonte: EUROSTAT

Em termos de evolução, a recolha na União Europeia permaneceu estável entre 1996 e 1998, crescendo entre 1998 e 1999 cerca de 1 %. Neste mesmo período, os países que apresentaram maior crescimento foram Portugal (9 %), Áustria (4 %) e Espanha (3 %). De 1999 a 2000, a recolha de leite de vaca diminuiu 0,7 % e os países que apresentaram maiores decréscimos foram o Reino Unido (-3,6 %), a Bélgica (-4,3 %), a Espanha (-4,4 %), a Áustria (-4,8 %) e a Grécia (-15 %).

A Alemanha é o país que apresenta maior volume de leite de vaca recolhido, tendo em 2000 atingido um volume de 26 984 mil toneladas, o que representa 24 % do total da União Europeia. Na segunda posição esteve a França com um volume de 23 271 mil toneladas, que representa 20 % do volume total de leite recolhido na União Europeia. Os países que ocupam as posições seguintes são o Reino Unido (12 %), os Países Baixos (9 %) e a Itália (9 %), com os restantes países membros a terem 26 % do total de leite de vaca recolhido.

Portugal encontra-se numa modesta posição, ocupando o 13º lugar relativamente ao volume de leite de vaca que recolhe. Os países que menos leite de vaca recolhem são a Grécia e o Luxemburgo, representando, respectivamente, 0,5 % e 0,2 % do total de leite de vaca recolhido na União Europeia.

Gráfico 1.3.
Recolha de leite de vaca nos países membros da União Europeia em 2000



Fonte: EUROSTAT

Leite e Derivados 1996-2000



CAPÍTULO 2 Indústria de Leite e Derivados

2. INDÚSTRIA DE LEITE E DERIVADOS

Os leites e os seus derivados são alimentos muito importantes na alimentação humana. O leite é um alimento completo que contém essencialmente água, proteínas de alto valor biológico, minerais, tendo particular interesse o cálcio, vitaminas, um açúcar que não se encontra em mais nenhum alimento (lactose). É um alimento essencial em todas as fases da vida, assim como os seus derivados. Os lacticínios fazem parte, hoje em dia, dos nossos hábitos alimentares e a sua diversidade e o empenhamento das empresas do sector em desenvolver novos produtos justificam o desenvolvimento que se tem observado.

Neste capítulo são abordados os aspectos relacionados com a transformação do leite por parte das Indústrias de Leite e Derivados, bem como uma caracterização dos principais produtos. Na primeira parte do capítulo, a análise incide sobre a produção, na segunda parte abordam-se os aspectos relacionados com a valorização da produção e na terceira parte analisa-se o consumo das principais matérias-primas na Indústria do Leite e Derivados.

A análise é feita com base nos resultados do Inquérito Anual à Produção Agro-Industrial (CAE 15510 – Indústria do Leite e Derivados) para o período 1996-2000.

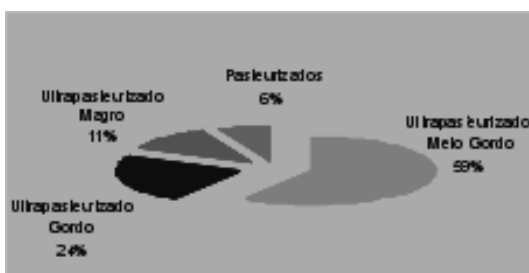
2.1. Produção de leite e derivados

2.1.1. Produção de leite de vaca

A produção de leite de vaca em Portugal apresentou no ano 2000 um volume de 862 milhões de litros, reflectindo um crescimento de 23 % entre 1996 e 2000.

Gráfico 2.1.

Produção de leite em 2000

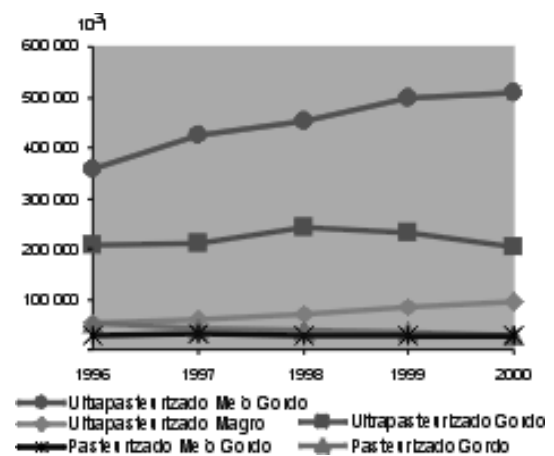


Neste período o leite ultrapasteurizado meio gordo foi o principal tipo de leite produzido, atingindo no ano 2000 um total de 507 milhões de litros. Esta produção representa 59 % da produção total de leite e reflecte um aumento de 41 % em relação à produção de leite ultrapasteurizado meio gordo em 1996.

O leite ultrapasteurizado gordo foi o segundo tipo de leite mais produzido no período em análise, produto este que representou em 2000 cerca de 24 % da produção total (203 milhões de litros). Verificou-se até 1998 um aumento de 16 % na sua produção, a que se seguiu uma diminuição, contribuindo, provavelmente por transferência, para o crescimento da produção de leite ultrapasteurizado meio-gordo.

Gráfico 2.2.

Produção dos diferentes tipos de leite

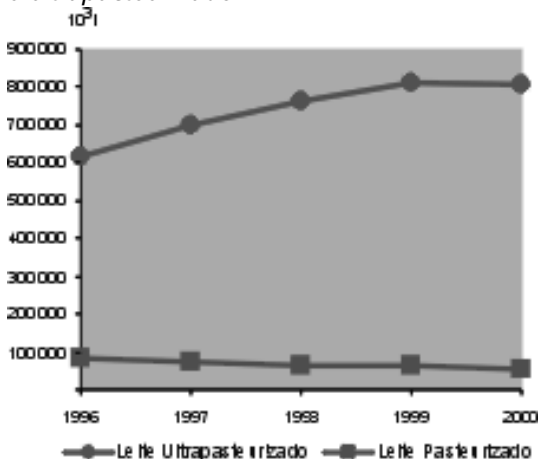


O leite pasteurizado gordo representou apenas 3 % da produção total de leite no ano 2000 (28 milhões de litros). A evolução que se verificou na produção revelou uma diminuição de 47 %, no período entre 1996 e 2000, o que juntamente com a diminuição de produção de leite ultrapasteurizado gordo a favor do ultrapasteurizado meio-gordo, mostrou uma tendência dos consumidores em procurarem, cada vez mais, produtos com menor teor de gordura. Esta situação é também reforçada pela evolução que se verifica na produção de leite ultrapasteurizado magro que, no mesmo período, apresentou um aumento de 86%, atingindo em 2000 cerca de 96 milhões de litros. Tal evidencia as novas preferências nutricionais dos consumidores.

Os dados mostram, também, a preferência do consumidor por leites ultrapasteurizados em relação aos leites pasteurizados, ou seja, leites cujo tratamento térmico aplicado é mais intenso e que apresentam maior período de validade.

Gráfico 2.3.

Quantidades produzidas de leite pasteurizado e ultrapasteurizado



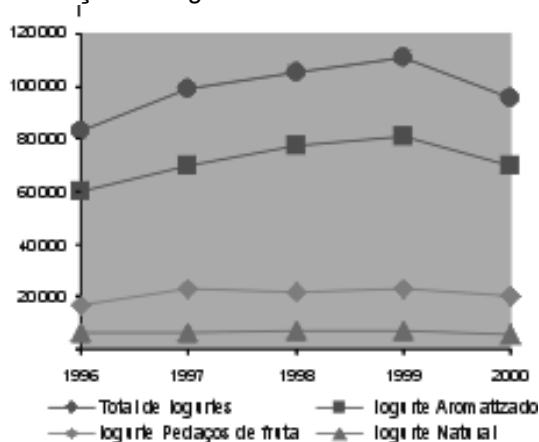
Relativamente ao leite em pó, a produção deste produto atingiu, em 2000, um volume de 21 728 toneladas. O leite em pó magro representou cerca de 56 % do total (12 082 t), sendo o restante de leite em pó meio-gordo e gordo (9 646 t). De salientar que, em termos de evolução da produção destes dois tipos de leite, entre 1996 e 2000, o leite em pó meio-gordo e gordo aumentaram 50 %, enquanto que o leite em pó magro aumentou apenas 14 %.

2.1.2. Produção de iogurte

O iogurte é o segundo produto mais importante no Leite e Derivados, em termos de volume de produção, apresentando no ano 2000 um total de 95 649 toneladas. Os iogurtes aromatizados são a fracção mais importante com 73 % do volume total de produção (70 035 t), logo seguidos dos iogurtes com pedaços de frutas com 21 % (19 898 t). Os iogurtes naturais representaram apenas 6 % da produção (5 716 t) no ano 2000.

Gráfico 2.4.

Produção de iogurtes



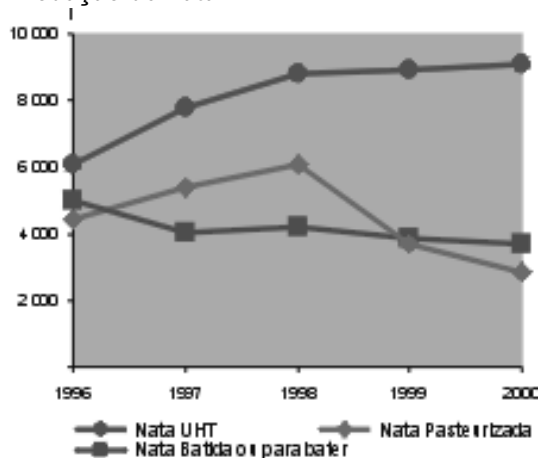
De 1996 a 1999, observou-se um crescimento acentuado (+34 %) na produção de iogurtes. No entanto, de 1999 para 2000 verificou-se um decréscimo de 14 %. Este facto está relacionado com um aumento da oferta de produtos importados e com a deslocalização da produção de empresas multinacionais para outros países comunitários.

2.1.3. Produção de Nata

A produção de nata atingiu em 2000 um volume total de 15 660 mil litros, o que em relação a 1996 representa um crescimento mínimo (0,6 %). No entanto, verificou-se até 1998 um aumento de produção de nata de 23 %, crescimento esse que foi anulado nos períodos seguintes.

Gráfico 2.5.

Produção de nata



Em 2000 a nata ultrapasteurizada representou 58 % da produção total (9 114 mil litros), o que reforça a ideia de que os consumidores preferem produtos ultrapasteurizados, pelo seu prazo de validade mais longo. Houve, por isso, um crescimento de 50 % na produção deste produto de 1996 a 2000.

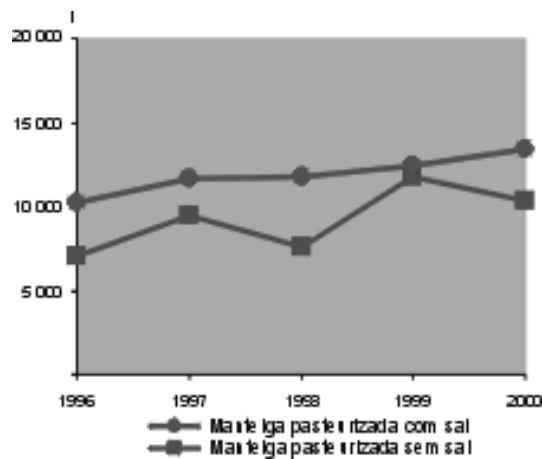
Em relação à nata pasteurizada, a produção atingiu em 2000 um volume de 2 851 mil litros, o que representou 18 % do total de produção e um decréscimo de 36 % em relação ao ano de 1996, que confirma o maior interesse pela nata ultrapasteurizada.

A produção de nata batida ou para bater apresentou um decréscimo contínuo desde 1996, atingindo no ano 2000 cerca de 24 % da produção total de nata (3 694 mil litros).

2.1.4. Produção de Manteiga

A preferência dos consumidores continua, ainda, a ser a manteiga com sal. Daí que a produção deste produto continue a predominar sobre a manteiga sem sal.

Gráfico 2.6.
Produção de manteiga



No ano 2000, a manteiga com sal representou 56 % do total de produção (13 397 t).

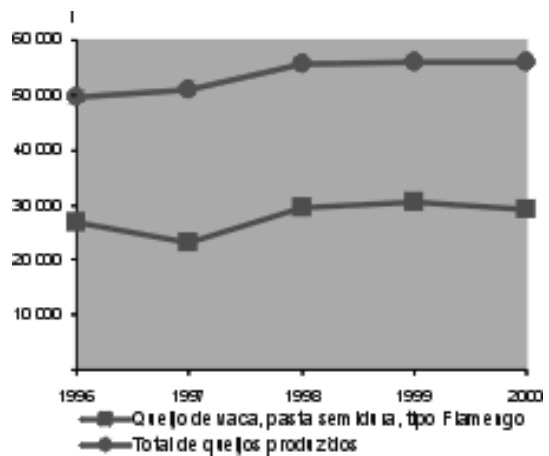
Em termos de evolução, a manteiga com sal teve um crescimento contínuo (+37 %) no período em estudo, enquanto que a manteiga sem sal teve um crescimento irregular, embora maior (47 %), apresentando picos de produção nos anos de 1997 e de 1999.

2.1.5. Produção de Queijo

O tipo de queijo mais produzido, no período em análise, foi o queijo de vaca, pasta semidura, tipo Flamengo (29 203 t), o qual representava, em 2000, cerca de 56 % da produção total de queijos. Em termos de evolução, a produção deste produto teve um decréscimo de 14 % no ano de 1997, tendo recuperado no ano seguinte. A partir de 1998 a produção de queijo tipo de flamengo manteve-se relativamente constante.

Em relação ao total de queijos produzidos na indústria, verificou-se, entre 1996 e 1998, um certo crescimento da produção (+12 %), o que resultou num total de 55 700 toneladas de queijo em 1998. No entanto, de 1998 a 2000, a produção estabilizou, apresentando em 2000 um volume de produção de 55 915 toneladas de queijo.

Gráfico 2.7.
Produção de queijo



Quadro 2.1.*Produção de leite e derivados*

Quantidades Produzidas	1996	1997	1998	1999	2000
	Unidade: 10 ³ l				
Leite Ultrapasteurizado, magro	51 625	60 896	68 747	83 268	95 884
Leite Pasteurizado meio gordo	28 381	32 109	26 697	28 651	27 705
Leite Ultrapasteurizado meio gordo	358 621	425 212	452 013	498 688	507 267
Leite Pasteurizado gordo	52 464	43 606	37 750	34 483	27 900
Leite Ultrapasteurizado gordo	207 771	212 174	240 636	231 421	203 140
Nata Pasteurizada	4 444	5 421	6 091	3 684	2 851
Nata UHT	6 096	7 795	8 781	8 920	9 114
Nata Batida ou para bater	5 027	4 025	4 232	3 890	3 694
	Unidade: t				
Leite totalmente desidratado, (em pó), magro	10 595	13 167	9 708	12 067	12 082
Leite totalmente desidratado, (em pó), meio gordo e gordo	6 434	7 522	8 345	8 726	9 646
Manteiga pasteurizada com sal	10 225	11 684	11 795	12 446	13 397
Manteiga pasteurizada sem sal	7 036	9 503	7 618	11 790	10 366
Queijo fresco tradicional	1 981	1 615	1 763	2 165	3 033
Requeijão	459	564	637	676	856
Queijo de pasta dura, vaca	897	861	517	579	1 473
Queijo de pasta dura, mistura	...	3 893	1 302	830	1 374
Outros queijos de pasta dura	110	205	287
Queijo de vaca, pasta semidura, tipo Flamengo	26 860	22 979	29 434	30 418	29 203
Queijo de vaca, pasta semidura, tipo Ilha	2 169	2 298	2 296	2 846	2 838
Outros queijos de pasta semidura	8 449	7 512	6 790	7 136	6 293
Queijo de pasta mole, vaca	4 659	6 414	7 545	6 728	5 608
Outros queijos de pasta mole	...	1 718	2 581	3 938	4 635
Queijo fundido	4 076	2 987	2 725	362	316
logurte Natural, gordo e meio gordo	5 329	5 740	6 103	6 196	5 113
logurte Natural, magro	977	657	701	806	603
logurte Aromatizado, gordo e meio gordo	52 255	65 726	66 680	67 921	56 115
logurte Aromatizado, magro	7 561	4 353	10 624	13 222	13 920
logurte com pedaços de fruta, gordo e meio gordo	13 979	17 471	16 539	17 954	14 810
logurte com pedaços de fruta, magro	2 869	5 324	4 992	5 167	5 088
Soro de leite líquido	32 008	19 153	17 937	8 614	11 794
Leite composto, aroma de chocolate	37 020	40 535	42 952	42 829	45 865
Sobremesas lácteas	2 070	2 555	3 688	2 375	1 444

2.2. Valor de vendas de leite e derivados

O valor total de vendas da actividade da Indústria de Leite e Derivados foi, no ano 2000, de 220,2 mil milhões de escudos, o que representa em relação a 1996 um aumento de 38 %.

Relativamente à repartição do valor de vendas da Indústria de Leite e Derivados no ano 2000, por tipo de produto, verifica-se que o Leite, incluindo os leites tratados termicamente, os leites em pó e o leite composto com aroma de chocolate, foi o produto mais importante desta actividade, com 49% do total, o que corresponde a 107 mil milhões de escudos.

O segundo produto mais importante foi o Queijo com 21 % do total de vendas da actividade, o que em parte é justificado pelo preço mais alto do queijo. Em termos absolutos apresentou um valor de vendas de 46 mil milhões de escudos no ano 2000.

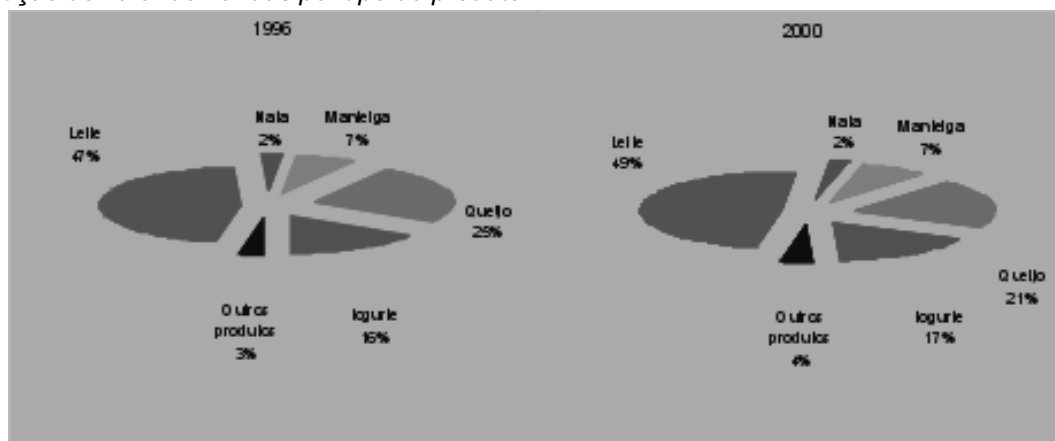
Os iogurtes surgem na terceira posição com 17 % do valor total de vendas, o que corresponde a 37 mil milhões de escudos.

Em 2000, os restantes produtos, Nata, Manteiga e Outros Produtos Lácteos representam respectivamente 2 % (5 mil milhões de escudos), 6% (14 mil milhões de escudos) e 5 % (11 mil milhões de escudos) do valor total de vendas, o que traduz uma menor importância relativa nesta actividade, comparativamente aos produtos anteriormente referidos.

Analisando a evolução do valor de vendas da actividade da Indústria de Leite e Derivados, no período de 1996 a 2000, é de notar que o Leite foi o produto a apresentar maior crescimento relativo no valor de vendas, sendo também o produto que mais se destacou pela ordem de grandeza do seu valor de vendas.

Gráfico 2.8.

Repartição do valor de vendas por tipo de produto



Quadro 2.2.*Valor de vendas de leite e derivados*

Valor de Vendas	1996	1997	1998	1999	2000
	Unidade: 10 ⁶ Esc.				
Leite Ultrapasteurizado, magro	3 895	5 240	7 069	8 103	9 392
Leite Pasteurizado meio gordo	2 187	2 802	2 432	3 098	3 265
Leite Ultrapasteurizado meio gordo	29 541	43 276	45 097	50 657	53 450
Leite Pasteurizado gordo	5 327	4 268	3 435	3 234	2 672
Leite Ultrapasteurizado gordo	19 253	20 161	23 100	22 600	19 688
Nata Pasteurizada	1 619	2 077	2 148	1 530	1 128
Nata UHT	1 924	2 537	2 759	2 909	3 271
Nata Batida ou para bater	412	654	660	797	806
Leite totalmente desidratado, (em pó), magro	4 201	5 211	3 656	4 650	5 099
Leite totalmente desidratado, (em pó), meio gordo e gordo	3 577	3 945	4 314	4 447	4 630
Manteiga pasteurizada com sal	7 454	7 708	8 691	8 872	9 942
Manteiga pasteurizada sem sal	4 010	6 088	4 965	6 853	6 485
Queijo fresco tradicional	1 292	1 174	1 306	1 238	1 736
Requeijão	176	243	268	304	403
Queijo de pasta dura, vaca	629	605	388	427	1 152
Queijo de pasta dura, mistura	...	2 111	972	1 061	1 480
Outros queijos de pasta dura	177	335	498
Queijo de vaca, pasta semidura, tipo Flamengo	21 278	19 571	25 484	24 274	23 743
Queijo de vaca, pasta semidura, tipo Ilha	1 779	1 536	1 620	1 951	2 195
Outros queijos de pasta semidura	6 929	6 194	5 807	5 547	4 867
Queijo de pasta mole, vaca	3 512	4 912	6 277	5 455	4 539
Outros queijos de pasta mole	1 752	1 891	3 062	4 125	5 614
Queijo fundido	2 861	2 349	2 541	316	298
logurte Natural, gordo e meio gordo	1 472	1 698	1 932	2 098	2 019
logurte Natural, magro	279	245	292	364	301
logurte Aromatizado, gordo e meio gordo	14 542	19 271	20 143	20 531	18 741
logurte Aromatizado, magro	2 516	1 521	3 696	4 763	6 240
logurte com pedaços de fruta, gordo e meio gordo	5 395	5 996	7 268	8 446	6 220
logurte com pedaços de fruta, magro	1 314	1 886	2 770	3 312	3 119
Soro de leite líquido	6	7	7	8	23
Leite composto, aroma de chocolate	5 959	5 915	7 619	7 900	9 170
Sobremesas lácteas	944	1 401	1 596	1 294	865

Quadro 2.3.*Produção vendida de leite e derivados*

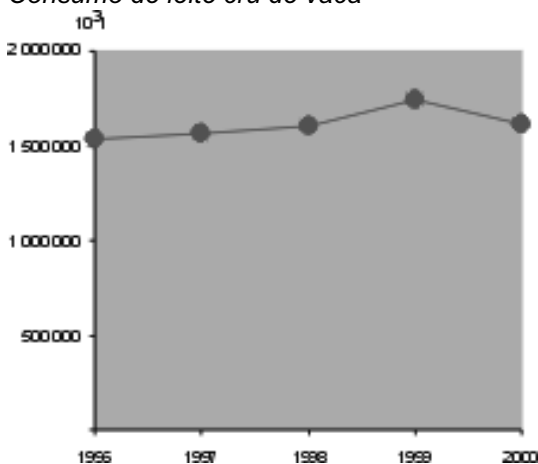
Quantidades Vendidas	1996	1997	1998	1999	2000
	Unidade: 10 ³ l				
Leite Ultrapasteurizado, magro	51 551	53 772	70 592	81 710	96 471
Leite Pasteurizado meio gordo	28 259	32 022	26 315	28 732	27 731
Leite Ultrapasteurizado meio gordo	363 297	457 178	462 868	509 192	518 129
Leite Pasteurizado gordo	54 174	36 819	37 248	33 919	27 863
Leite Ultrapasteurizado gordo	208 140	208 794	237 868	233 603	199 018
Nata Pasteurizada	4 608	5 808	6 000	3 662	2 802
Nata UHT	5 901	7 697	7 993	8 588	9 185
Nata Batida ou para bater	1 925	2 848	2 756	3 298	3 322
	Unidade: t				
Leite totalmente desidratado, (em pó), magro	10 845	12 897	8 466	11 467	11 610
Leite totalmente desidratado, (em pó), meio gordo e gordo	6 513	7 349	7 959	8 338	8 925
Manteiga pasteurizada com sal	10 502	11 338	11 758	11 992	13 406
Manteiga pasteurizada sem sal	6 677	9 530	7 685	11 715	10 433
Queijo fresco tradicional	1 955	1 585	1 717	2 107	2 974
Requeijão	457	563	628	643	848
Queijo de pasta dura, vaca	808	814	513	550	1 572
Queijo de pasta dura, mistura	...	3 061	1 213	859	1 266
Outros queijos de pasta dura	106	181	271
Queijo de vaca, pasta semidura, tipo Flamengo	25 862	23 240	31 324	29 315	28 648
Queijo de vaca, pasta semidura, tipo Ilha	2 171	2 089	2 048	2 660	2 908
Outros queijos de pasta semidura	8 314	7 693	7 123	7 059	6 251
Queijo de pasta mole, vaca	4 659	6 072	7 738	6 610	5 412
Outros queijos de pasta mole	1 693	1 704	2 481	3 773	4 559
Queijo fundido	3 990	2 998	3 078	350	334
logurte Natural, gordo e meio gordo	4 869	5 858	6 021	6 108	4 926
logurte Natural, magro	953	614	678	770	583
logurte Aromatizado, gordo e meio gordo	50 128	63 287	65 003	65 708	54 571
logurte Aromatizado, magro	7 188	3 980	10 295	12 824	13 780
logurte com pedaços de fruta, gordo e meio gordo	13 205	14 801	15 547	17 281	14 264
logurte com pedaços de fruta, magro	2 739	5 085	4 846	5 117	4 856
Soro de leite líquido	9 001	4 772	3 863	5 900	6 417
Leite composto, aroma de chocolate	38 023	33 106	40 754	42 612	45 287
Sobremesas lácteas	1 863	2 850	3 428	2 283	1 383

2.3. Consumo de Matérias-primas

A principal matéria-prima da Indústria de Leite e Derivados é o leite cru de vaca, o qual pode destinar-se ao fabrico de leite tratado termicamente ou ao fabrico de produtos derivados. Entre 1996 e 1999, o consumo desta matéria-prima aumentou 13 %, apresentando em 1999 um volume de 1 741 milhões de litros. De 1999 a 2000, verificou-se um decréscimo de 7 %, sendo o volume de consumo em 2000 de 1 619 milhões de litros.

Gráfico 2.9.

Consumo de leite cru de vaca



O leite pasteurizado é utilizado essencialmente na produção de iogurtes, apresentando em 2000 um consumo de 9,4 milhões de litros. Verifica-se que a evolução no consumo desta matéria-prima não é constante, sendo as oscilações justificadas por indisponibilidade de leite cru de vaca em determinados períodos. Algumas empresas de produção de iogurtes investem em unidades de pasteurização de leite, pelo que só consomem leite pasteurizado quando não dispõem de leite cru de vaca.

O consumo de natas dá-se essencialmente na produção de nata tratada termicamente e na produção de manteiga e de sobremesas lácteas. Entre 1997 e 2000 verificou-se um aumento no consumo de nata de 21 %, tendo sido consumidos 6,9 milhões de litros em 2000. De referir que os volumes de consumo desta matéria-prima não incluem os consumos intermédios de nata proveniente do desnate do leite cru dentro das unidades industriais.

O leite em pó é também uma matéria-prima importante neste sector, sendo utilizada essencialmente na produção de leites recombinados e compostos e na produção de iogurtes. No entanto, o seu consumo diminuiu 44 % entre 1996 e 1999, o que pode ter como justificação uma maior disponibilidade de leite cru para os fins referidos. É interessante verificar que, no ano 2000, o aumento de consumo de leite em pó (+35 %), em relação ao ano de 1999, acompanhou o decréscimo no consumo de leite cru já referido, apresentando neste ano um volume de consumo de 11 392 toneladas.

O consumo de sacarose e de polpas de fruta, essencialmente pelas empresas produtoras de iogurtes, apresenta uma evolução semelhante à produção destes produtos. De 1996 a 1999, o consumo destas matérias-primas aumentou, respectivamente, 34 % e 152 %, verificando-se em 2000 um decréscimo de 4 % e 26 %, respectivamente.

Quadro 2.4.

Consumo das principais matérias-primas na produção de leite e derivados

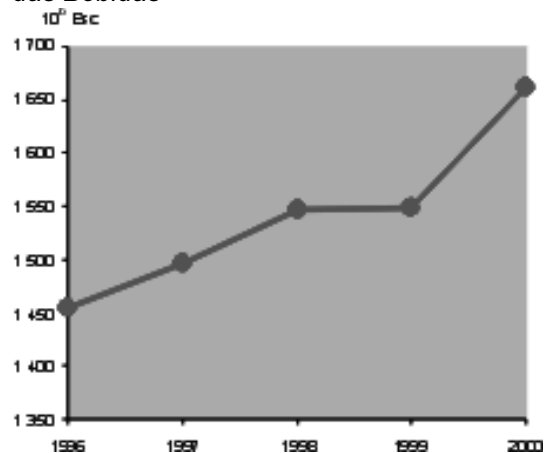
Quantidades consumidas	1996	1997	1998	1999	2000
	Unidade: 10 ³ l				
Leite cru de vaca	1 537 710	1 567 015	1 606 792	1 741 118	1 618 739
Leite cru de ovelha	3 530	3 134	7 126	9 004	36 878
Leite cru de cabra	5 974	5 097	5 059	5 024	6 474
Leite pasteurizado	7 151	10 004	8 537	12 898	9 375
Natas	7 436	4 848	5 506	5 621	5 888
	Unidade: t				
Leite totalmente desidratado (em pó)	15 187	13 348	11 232	8 433	11 392
Sacarose	8 696	9 620	10 998	11 652	11 200
Polpas, pastas e purés de frutos	2 396	3 833	5 293	6 048	4 494
Sal	1 252	1 303	1 575	1 701	1 503
Queijo	1 223	1 301	1 411	167	126
Manteiga	2 607	755	741	375	322
Cacau, chocolate e derivados	380	561	522	480	507
Aromas e essências	-	93	129	181	134
Cloretos (excepto cloreto de amónio), inclui cloreto de cálcio	108	115	95	103	131
Amidos modificados	139	44	80	66	...
Coalho e seus concentrados	55	46	55	39	72
Enzimas, enzimas preparadas (não espec. nem compr. em outras posições)	16	10	22	18	24

2.4. Importância da actividade da Indústria do Leite e Derivados na Indústria Alimentar e das Bebidas

As Indústrias Alimentares e das Bebidas apresentaram um crescimento acentuado no período 1996-1998. Em 1998 o valor das vendas atingiu os 1 544 mil milhões de escudos, o que significa uma subida de 6 % no período referido. No entanto, este crescimento abrandou em 1999, apresentando uma variação positiva de apenas 0,9 %, em relação ao ano de 1998. Em 2000, o valor de vendas aumentou de novo significativamente, mais 7 % que em 1999, o que se traduziu num valor total de vendas de 1 661 mil milhões de escudos.

Gráfico 2.10.

Valor de vendas das Indústrias Alimentares e das Bebidas



A Indústria de Leite e Derivados foi, no ano 2000, a principal actividade das Indústrias Alimentares e das Bebidas com um valor de vendas de 220,2 mil milhões de escudos, representando 13 % do valor total de vendas.

Em 1996 o primeiro lugar era ocupado pela actividade Fabricação de Alimentos para Animais de Criação.

No período entre 1996 e 2000, a Indústria de Leite e Derivados foi também a actividade que mais cresceu em termos de valor de vendas.

Quadro 2.5.

Actividades das Indústrias Alimentares e das Bebidas que apresentaram maior subida no valor de vendas

Unidade: 10⁶ Esc

Actividades	Aumento do Valor de Vendas
Indústrias do leite e derivados	60 458
Indústria transformadora da pesca e da aquacultura	42 486
Indústria do vinho	34 917
Fab. de refrigerantes e de outras beb. não alcoólicas	33 066

Quadro 2.6.

As 10 actividades mais importantes das Indústrias Alimentares e das Bebidas

Unidade: 10⁶ Esc

Actividades 1996	Valor de Vendas	Nº UAE	Actividades 2000	Valor de Vendas	Nº UAE
Fabricação de alimentos para animais de criação	184 123	67	Indústria do leite e derivados	220 194	119
Indústria do leite e derivados	159 736	63	Fabricação de alimentos para animais de criação	165 267	72
Indústria do vinho	125 014	143	Indústria do vinho	160 221	142
Abate de gado (produção de carne)	94 079	90	Indústria transformadora da pesca e da aquacultura	117 456	96
Fabricação de cerveja	75 846	4	Abate de gado (produção de carne)	99 962	92
Indústria transformadora da pesca e da aquacultura	74 970	109	Panificação e pastelaria	92 494	1214
Panificação e pastelaria	70 559	952	Fab. de refrigerantes e de outras beb. não alcoólicas	91 737	26
Abate de aves e de coelhos (produção de carne)	62 111	46	Fabricação de cerveja	87 106	5
Fab. de refrigerantes e de outras beb. não alcoólicas	58 731	30	Abate de aves e de coelhos (produção de carne)	73 375	47
Refinação de óleos e gorduras	54 504	18	Fabricação de produtos à base de carne	61 047	117

Leite e Derivados 1996-2000



CAPÍTULO 3 **Caracterização Sócio-Económica das Empresas do Sector do** **Leite e Derivados**

3. CARACTERIZAÇÃO SOCIO-ECONÓMICA DAS EMPRESAS DO SECTOR DO LEITE E DERIVADOS

Neste capítulo caracteriza-se o sector do Leite e Derivados na óptica da empresa, abrangendo todas as empresas que têm como actividade principal a produção de leite e derivados, dando maior relevo aos dados sócio-económicos.

A informação apresentada provém dos resultados do Inquérito à Empresa Harmonizado (IEH), para o período 1996 a 1999.

Sempre que possível, o sector é analisado inserido no conjunto das Indústrias Alimentares e das Bebidas e da Indústria Transformadora, comparando os resultados obtidos.

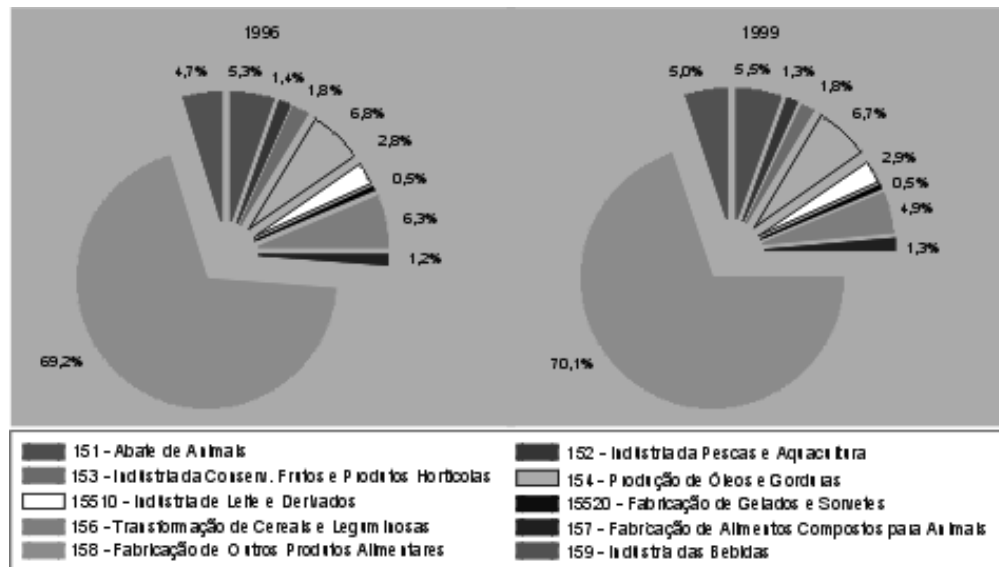
3.1. O sector do Leite e Derivados na Indústria Alimentar e das Bebidas (Divisão 15) e na Indústria Transformadora (secção D)

O sector do Leite e Derivados (classe 1551) representava, em 1999, 2,9% do total de empresas das Indústrias Alimentares e das Bebidas e 0,3 % do total das empresas da Indústria Transformadora. Verifica-se, por isso, que no âmbito da Divisão 15, o sector do Leite e Derivados tem pouca importância em número de empresas.

De 1996 a 1999 verificou-se uma redução generalizada do número de empresas da Divisão 15, embora em termos estruturais, a repartição por grupo se tenha mantido praticamente inalterada.

Gráfico 3.1.

Número de empresas na Divisão 15, por Grupo e para as Classes 1551 e 1552

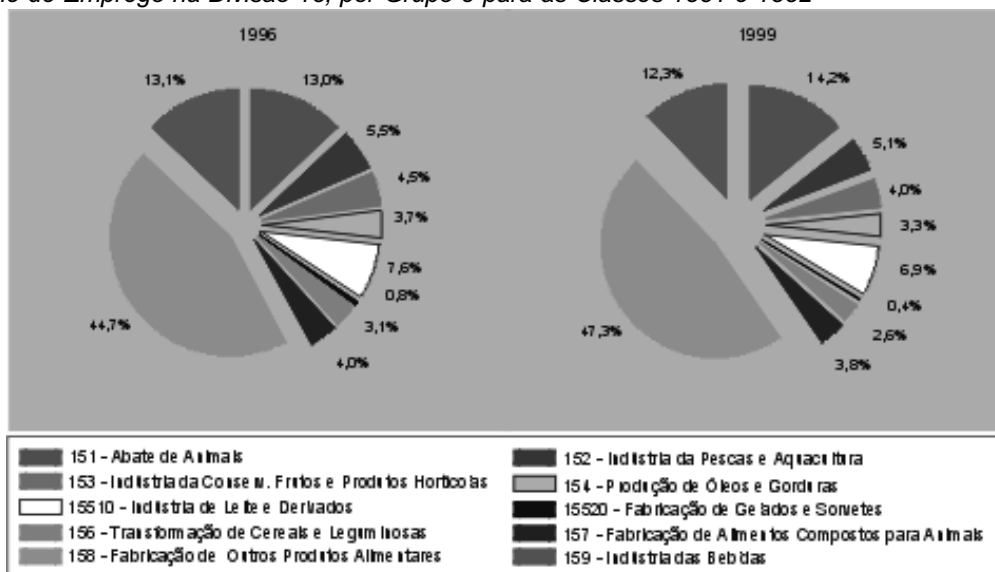


O decréscimo do número de empresas foi acompanhado por uma diminuição do número de pessoas ao serviço. Entre 1996 e 1999 diminuiu em 14 %, 5,2 % e 3,7 % o número de pessoas empregadas no sector do Leite e Derivados, nas Indústrias Alimentares e das Bebidas e na Indústria Transformadora, respectivamente.

Em 1999 o sector do Leite e Derivados empregava 7 849 pessoas, o que representava 6,9 % do total de trabalhadores das Indústrias Alimentares e das Bebidas e apenas 0,8% relativamente ao total da Indústria Transformadora.

Gráfico 3.2.

Volume de Emprego na Divisão 15, por Grupo e para as Classes 1551 e 1552

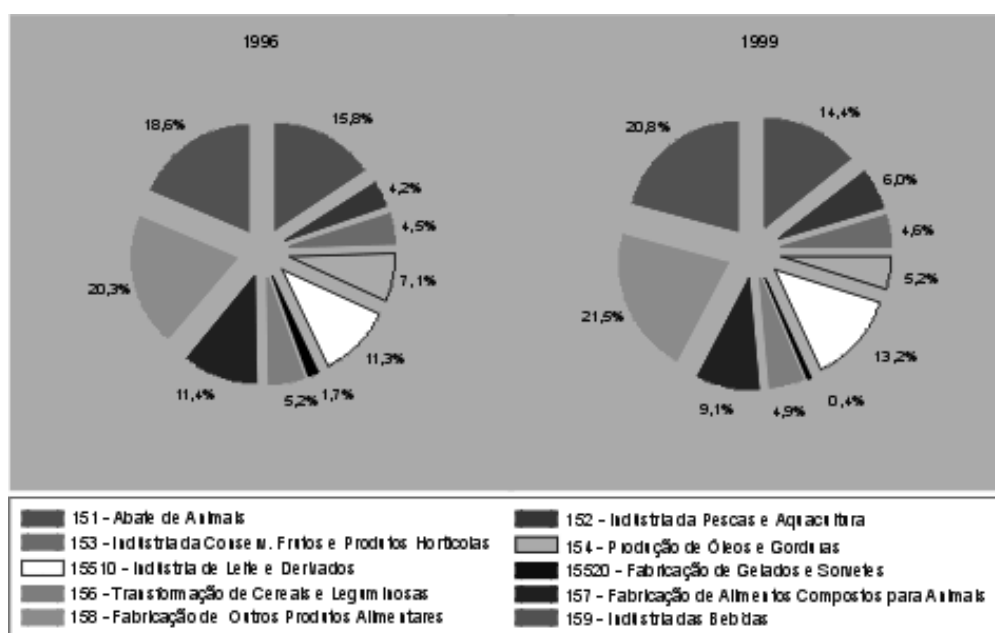


O sector do Leite e Derivados tem um peso económico importante, o qual tem vindo a ser reforçado nos últimos anos. Em 1996 o sector representava 11,3 % do Volume de Negócios das Indústrias Alimentares e das Bebidas e 1,9 % do total da Indústria Transformadora, enquanto que, em 1999, aumentou para 13,2 % e 2,1% respectivamente.

Verificou-se, assim, uma evolução positiva, sendo de assinalar que foi o sector que mais cresceu dentro dos grupos das Indústrias Alimentares e das Bebidas.

Gráfico 3.3

Volume de Negócios na Divisão 15, por Grupo e para as Classes 1551 e 1552



O Grupo 158 – Fabricação de Outros Produtos Alimentares é responsável por cerca de 50 % do total de emprego, 70 % do número de empresas e 21,5 % do Volume de Negócios da Divisão 15. No entanto, comparando o sector do Leite e Derivados com aquele grupo verifica-se que este tem uma maior receita média por empresa e por trabalhador. Assim, em 1999, o sector do Leite e Derivados teve uma receita média por empresa de 1 135 milhões de escudos e de 35,3 milhões de escudos por trabalhador, enquanto que no Grupo 158 foi de 68,7 milhões e de 8,5 milhões de escudos, respectivamente.

3.2. Número de empresas e pessoal ao serviço no sector do Leite e Derivados

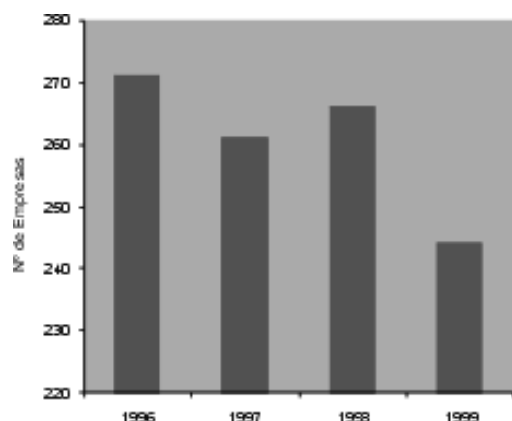
A evolução, nos últimos anos, do número de empresas no sector do Leite e Derivados, reflecte as fusões e aquisições que conduziram, quer a uma redução do número de empresas, quer a uma diminuição do número de pessoas ao serviço.

O número de empresas em actividade no sector do Leite e Derivados era, em 1999, de 271 e o número de pessoas ao serviço era de 9 126. Em 1999 o número de empresas diminuiu para 244 e o número de pessoas ao serviço para 7 849.

De 1997 a 1998 houve um aumento de 1,9 % do número de empresas no sector do Leite e Derivados, que não se traduziu no aumento do número de pessoas ao serviço, mas sim numa diminuição de 5,6 %.

Gráfico 3.4.

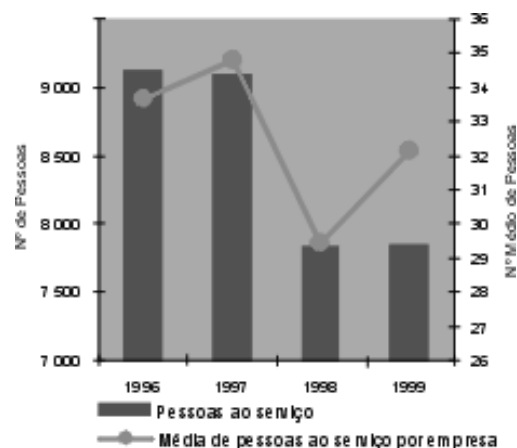
Número de empresas no sector do Leite e Derivados



A evolução do número médio de pessoas ao serviço foi negativa no período em análise, embora se tenha verificado em 1999, uma ligeira recuperação. A queda entre 1997 e 1998 foi muito significativa, com o número médio de pessoas ao serviço a diminuir 15,5 %, em resultado da reestruturação do sector.

Gráfico 3.5.

Número de pessoas ao serviço no sector do Leite e Derivados



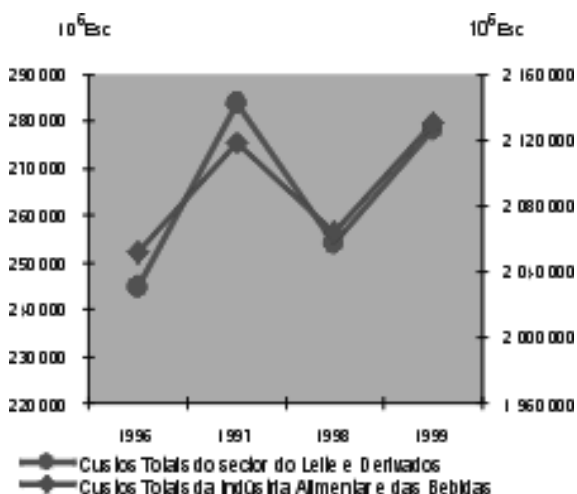
3.3. Estrutura de Custos no Sector do Leite e Derivados

A evolução dos custos do sector não acompanhou a do número de empresas, contrariando o que seria de esperar perante a diminuição do número de unidades produtivas. O aumento dos custos foi devido principalmente ao acréscimos na produção e nos preços da matéria prima e das matérias subsidiárias.

A comparação da evolução dos Custos Totais do sector do Leite e Derivados, com a dos Custos Totais das Indústrias Alimentares e das Bebidas, evidencia, nos dois casos, um aumento dos custos, entre 1996 e 1999.

Gráfico 3.6.

Custos Totais no sector do Leite e Derivados e nas Indústrias Alimentares e das Bebidas

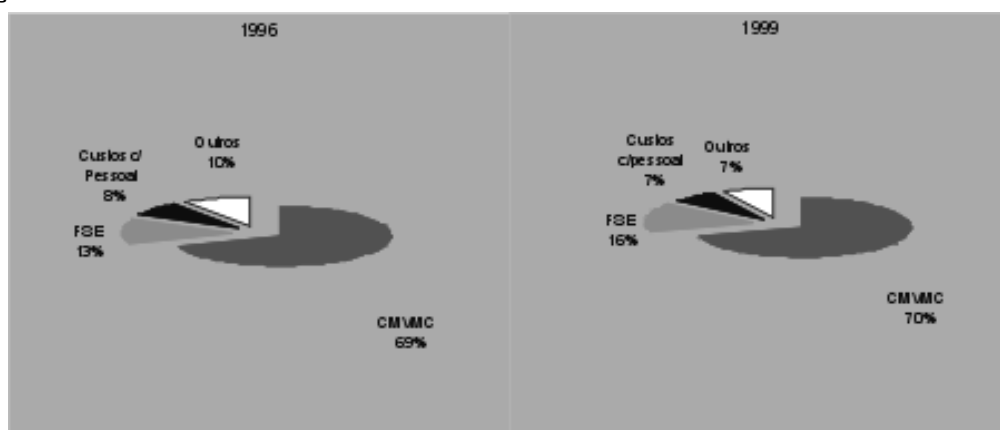


No sector do Leite e Derivados, tal como para quase todos os outros sectores das Indústrias Alimentares e das Bebidas, são os Custos das Matérias Consumidas os que têm maior peso relativo na estrutura de Custos Totais.

Entre 1996 e 1999 verificou-se uma subida do peso relativo dos Fornecimentos e Serviços Externos, a qual se deveu essencialmente ao aumento das despesas de transporte, de promoção e publicidade e à crescente dependência de factores, tais como o fornecimento de energia eléctrica, de combustíveis e de outros serviços.

Gráfico 3.7.

Repartição dos custos do sector do Leite e Derivados



O crescimento da actividade ajuda a explicar o aumento dos custos em energia eléctrica, em combustíveis e outros serviços complementares à produção. O aumento das despesas de transporte justifica-se, em parte, devido à deslocalização da actividade produtiva e, por isso, afastamento das empresas da origem da matéria prima.

Por último, o aumento das despesas em promoção e publicidade resultam da adopção de estratégias mais agressivas por parte das empresas, de modo a enfrentar a maior concorrência externa.

A gradual redução do peso dos Custos com Pessoal acompanha a diminuição do Número de Pessoas ao Serviço verificada de 1996 a 1999.

Quadro 3.1.

Estrutura de custos do sector do Leite e Derivados

Unidade: 10⁶ escudos

	1996		1997		1998		1999	
	Custos	(%)	Custos	(%)	Custos	(%)	Custos	(%)
Total	244 907	100,0	283 715	100,0	254 239	100,0	278 548	100,0
CMVMC	168 623	68,9	204 094	71,9	179 031	70,4	194 682	69,9
FSE	32 272	13,2	34 054	12,0	36 302	14,3	43 383	15,6
Custos c/ Pessoal	19 178	7,8	20 468	7,2	18 821	7,4	19 749	7,1
Outros	24 834	10,1	25 099	8,8	20 084	7,9	20 735	7,4

Em 1999 cerca de 70 % dos Custos Totais do sector do Leite e Derivados referem-se ao Custo de Mercadorias Vendidas e Matérias Consumidas (CMVMC). Nas Indústrias Alimentares e das Bebidas e na Indústria Transformadora a importância dessa rubrica foi de 64,6 % e de 56,3 %, respectivamente. O menor peso relativo do Custo em Mercadorias Vendidas e Matérias Consumidas na Indústria Transformadora é explicado pela existência de maiores encargos com o pessoal (16 % do total de custos).

Embora os Custos com o Pessoal nas empresas do sector do Leite e Derivados sejam, face aos Custos Totais, inferiores aos das Indústrias Alimentares e das Bebidas e ao da Indústria Transformadora, o custo médio por trabalhador ano é superior. Em 1999 o custo médio por trabalhador da Indústria Transformadora foi de 2 110 mil escudos e de 2 116 mil escudos nas Indústrias Alimentares e das Bebidas, enquanto no sector do Leite e Derivados foi de 2 480 mil escudos.

Quadro 3.2.

Estrutura de custos em 1999

Unidade: 10⁶ escudos

	CMVMC	Custos com Pessoal	FSE	Custos Totais
Total da Indústria transformadora	7 404 439	2 104 892	2 251 832	13 161 266
Indústrias alimentares das bebidas e do tabaco	1 395 274	248 273	327 153	2 180 212
Indústria do Leite e Derivados	194 682	19 749	43 383	278 548

3.4. Volume de Negócios do sector do Leite e Derivados

O Volume de Negócios do sector do Leite e Derivados cresceu cerca de 20 % entre 1996 e 1999, atingindo neste último ano 276 987 milhões de escudos.

A região Norte foi, em 1999, responsável por cerca de 50 % do Volume de Negócios do sector, situação esta que resulta da forte concentração da produção nesta região e que se tornou mais evidente a partir de 1997.

A Região Autónoma dos Açores aparece em segundo lugar, tendo, em 1998, contribuindo com 17 % para o Volume de Negócios do sector.

Quadro 3.3.

Volume de negócios por região

Unidade: 10⁶ escudos

Região	1996	1997	1998	1999
Portugal	228 845	269 694	251 300	276 987
Norte	96 669	149 011	127 576	137 922
Centro	49 147	34 017	35 931	...
Lisboa e Vale do Tejo	42 541	38 395	37 504	47 188
Alentejo	3 294	4 416	4 905	5 550
Algarve	277	202	12	...
Açores	36 851	43 596	43 557	...
Madeira	37	44	44	...

3.5 - Valor Acrescentado Bruto a preços de mercado no sector do Leite e Derivados

O VABpm é uma variável que possibilita a avaliação da riqueza criada num sector produtivo na óptica do consumidor final.

O VABpm corresponde à diferença entre o Valor da Produção e os Consumos Intermediários (compras de matérias primas e matérias subsidiárias) durante a produção.

Quadro 3.4.

Valor de Vendas e Prestação de Serviços do sector do Leite e Derivados

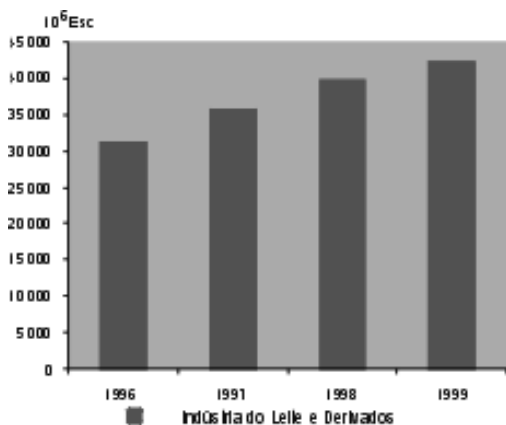
Unidade: 10⁶ escudos

	1996	1997	1998	1999
Valor de Vendas	225 429	238 028	249 454	273 833
Prestação de Serviços	3 416	2 065	1 846	3 154

O VABpm gerado no sector do Leite e Derivados teve uma evolução muito positiva, verificando-se entre 1996 e 1999 um aumento de 35,8 %. Este resultado foi muito influenciado pelo comportamento do Valor de Vendas que, no período em análise, cresceu 21,5 %, sendo de 273 833 mil milhões de escudos em 1999.

Gráfico 3.8.

VABpm no sector do Leite e Derivados

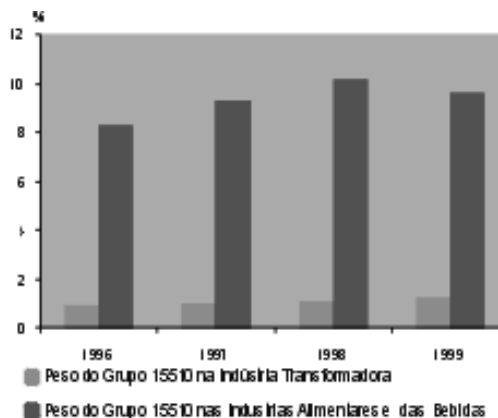


O sector do Leite e Derivados representava, em 1999, 9,6% do VABpm das Indústrias Alimentares e das Bebidas.

De 1996 a 1999 o sector Leite e Derivados aumentou o seu peso relativo, nas Indústrias Alimentares e das Bebidas (+ 47,8 %), quer no total da Indústria Transformadora (+ 33,3 %).

Gráfico 3.9.

Contribuição do VABpm do sector do Leite e Derivados para a Indústria Transformadora e para as Indústrias Alimentares e das Bebidas



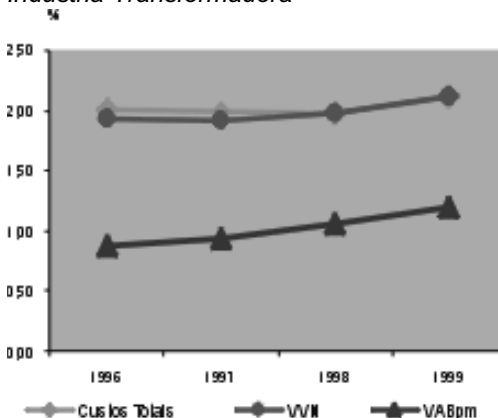
Em 1999 os Custos Totais e o Volume de Negócios do sector do Leite e Derivados representavam, cada um deles, 2,1% dos Custos Totais e do Volume de Negócios da Indústria Transformadora.

O peso dos Custos Totais e do Volume de Negócios do sector do Leite e Derivados no total da Indústria Transformadora aumentaram 5 % e 9,8 % respectivamente, entre 1996 e 1999.

O VABpm criado no sector do Leite e Derivados, em 1999, representou 1,2% do total do VABpm criado na Indústria Transformadora.

Gráfico 3.10.

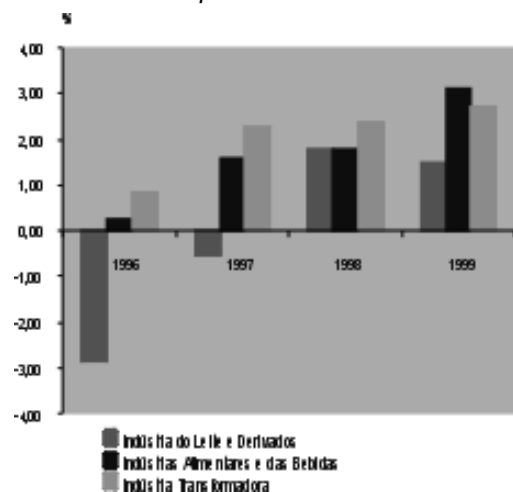
Peso do sector do Leite e Derivados na Indústria Transformadora



Apesar da diferença de crescimento entre o Volume de Negócios e os Custos Totais ser de apenas 4,8 %, o VABpm cresceu muito mais porque está directamente relacionado com o Valor de Produção e com os Consumos Intermédios. Tal indica que os Custos das Mercadorias, não incluídos nos Consumos Intermédios, foram os principais responsáveis pelo aumento dos Custos Totais, durante o período em análise.

O aumento do VABpm é também explicado pelo aumento do Valor de Produção (+20,9 %) e pela diminuição do valor dos Consumos Intermédios (-14,9 %) entre 1996 e 1999.

Gráfico 3.11.
Rendibilidade Líquida das Vendas



Entre 1996 e 1999 a Rendibilidade Líquida das Vendas do sector do Leite e Derivados foi sempre inferior à da Indústria Transformadora, o que indica que a margem de vendas é inferior à média da Indústria Transformadora. A margem de vendas do sector do Leite e Derivados é mais reduzida devido à grande concorrência que existe no sector.

A Rendibilidade Líquida das Vendas teve um comportamento positivo durante o período em análise, passando de -2,9 % em 1996 para 1,47 % em 1999, sendo, no entanto, inferior ao das Indústrias Alimentares e das Bebidas, que no mesmo ano foi de 3,11 %.

Em termos regionais verifica-se que o VAB, tal como o Volume de Negócios, se concentra predominantemente na Região Norte e na Região dos Açores.

O facto de na Região Autónoma dos Açores de existirem boas condições naturais para a produção de leite, em virtude de uma maior utilização de pastagens e consequente diminuição de custos de produção, contribui para um maior VAB nesta região.

As diferenças existentes entre VABpm e VABcf indicam que os subsídios à produção atribuídos ao sector do Leite e Derivados são superiores aos impostos indirectos cobrados às empresas do sector.

Quadro 3.5.
VAB por região – preços de mercado e custo de factores

Região	1996		1997		1998		1999	
	VABpm	VABcf	VABpm	VABcf	VABpm	VABcf	VABpm	VABcf
Portugal	31 074	31 445	37 213	37 710	39 596	39 882	42 213	42 429
Norte	11 058	11 076	17 212	17 256	18 752	18 754	19 563	19 565
Centro	7 350	7 481	6 282	6 377	7 426	7 431
Lisboa e Vale do Tejo	6 109	6 134	6 375	6 378	5 863	5 866	6 869	6 823
Alentejo	463	477	701	714	794	846	975	998
Algarve	27	27	13	12
Açores	6 060	6 243	6 622	6 965	6 342	6 567
Madeira	7	7	8	8

3.6. Caracterização do Sector Produtivo

3.6.1 Valor Bruto de Produção

O sector do Leite e Derivados é um sector muito dinâmico, tendo tido no período em análise um crescimento acentuado do Valor Bruto de Produção.

Em termos de variação do Valor Bruto de Produção (VBP), no período entre 1996 e 1999, observou-se nas Indústrias Alimentares e das Bebidas e no total da Indústria Transformadora crescimentos de 5,7 % e 9,8 % respectivamente. No sector do Leite e Derivados a variação foi, no entanto, de 20,9 %, o que permite constatar que a produção deste sector cresceu muito acima de toda a Indústria Transformadora.

Quadro 3.6.

Valor Bruto de Produção nas diferentes Indústrias

Unidade: 10⁶ escudos

	1996	1997	1998	1999
Indústria do Leite e Derivados	225 945	235 638	241 018	273 080
Indústria Alimentar e das Bebidas	1 860 094	1 957 865	1 885 085	1 966 513
Indústria Transformadora	11 312 627	12 046 197	12 080 592	12 416 938

O Valor Bruto da Produção distribuído regionalmente teve um comportamento semelhante ao do Volume de Negócios nas regiões, destacando-se como mais importantes a Região Norte e a Região dos Açores.

Em termos de tecido produtivo, a maioria das empresas com mais de 20 pessoas ao serviço localiza-se na Região Norte e na Região dos Açores. A produção das pequenas empresas, mais dependentes da localização da matéria-prima, situam-se principalmente no Alentejo. Como seria natural o Valor Bruto da Produção do sector do Leite e Derivados é maior na Região Norte, dado aí se localizarem as maiores empresas.

Quadro 3.7.

VBP por Regiões na Indústria do Leite e Derivados

Unidade: 10⁶ escudos

Região	1996	1997	1998	1999
Portugal	225 945	235 638	241 018	273 080
Norte	94 289	147 417	124 096	136 408
Centro	47 692	31 689	32 485	34 690
Lisboa e Vale do Tejo	44 244	41 537	35 196	47 944
Alentejo	3 091	4 146	4 619	5 191
Algarve	277	202
Açores	36 287	40 192	43 009	...
Madeira	65	53

Em 1999 a produção das empresas com sede na Região Norte atingia 50 % do total do Valor Bruto da Produção nacional. Porém, tal não significa que produção seja toda feita na região, dado que a produção realizada noutras regiões é atribuída à sede da empresa.

Relativamente ao peso do Valor Bruto da Produção do sector a Região Autónoma dos Açores foi, em 1998, a segunda região com maior peso relativo no que se refere ao Valor Bruto da Produção, com 17,8 % do total nacional, ligeiramente à frente da Região de Lisboa e Vale do Tejo.

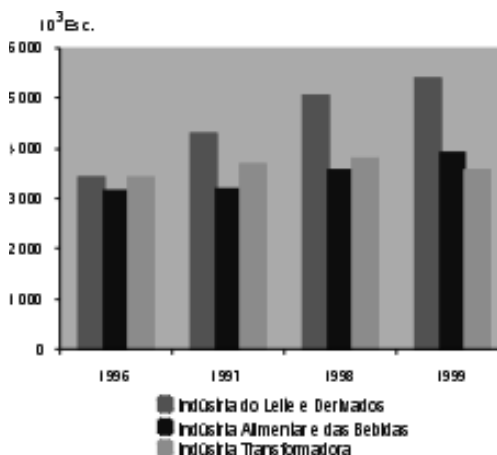
3.6.2 A Produtividade no sector do Leite e Derivados

O maior crescimento do sector do Leite e Derivados também pode ser explicado pela maior produtividade, a qual aumentou 58% de 1996 a 1999. Este crescimento deve-se, em parte, à melhoria da mecanização do sector, principalmente nas unidades produtivas de maior dimensão (20 pessoas ou mais ao serviço) e à consequente diminuição do número de pessoas ao serviço.

A produtividade do trabalho no sector do Leite e Derivados, para o ano de 1999, foi de 5378 mil escudos, valor muito superior ao da produtividade do trabalho no total da Indústria Transformadora (3559 mil escudos). Em relação à produtividade do trabalho na Divisão 15, o sector do Leite e Derivados foi superior em 38% à média da Indústria Alimentar e das Bebidas, em 1999.

Gráfico 3.12.

Produtividade do trabalho nas diferentes Indústrias



Em 1996 a produtividade da Indústria do Leite e Derivados era semelhante à da Indústria Transformadora, mas em 1999 foi substancialmente maior, devido ao facto de a produtividade no total da Indústria Transformadora ter praticamente estagnado durante o período em análise, crescendo apenas 4 %. Nas Indústrias Alimentares e das Bebidas o sector do Leite e Derivados foi dos mais produtivos da Divisão 15.

3.7. Caracterização Financeira

A caracterização financeira permite analisar a forma como foi financiado o desenvolvimento do sector e como evoluíram os respectivos resultados operacionais, permitindo, também, avaliar a sustentabilidade de crescimento no futuro.

Para analisar o Investimento no sector vamos utilizar o aumento do Imobilizado Corpóreo como aproximação ao Investimento, servindo também como uma forma de medir o esforço de modernização das empresas do Sector do Leite e Derivados.

3.7.1 - Aumento do Imobilizado Corpóreo

O Imobilizado Corpóreo teve um decréscimo acentuado de 1996 para 1997. Essa diminuição resultou da reestruturação da actividade e na conseqüente concentração do sector, sobretudo na Região Norte. A diminuição do investimento em imobilizado verificado na Região dos Açores (-86 %) também contribuiu para este decréscimo. Contudo, o Imobilizado Corpóreo retomou o crescimento em 1998, com aquelas duas regiões a voltarem a ser responsáveis pela maior parte do investimento. De salientar o grande aumento verificado em 1999 (+53 %) relativamente a 1998.

Quadro 3.8.

Aumentos de imobilizado corpóreo no sector do Leite e Derivados

Unidade: 10⁶ escudos

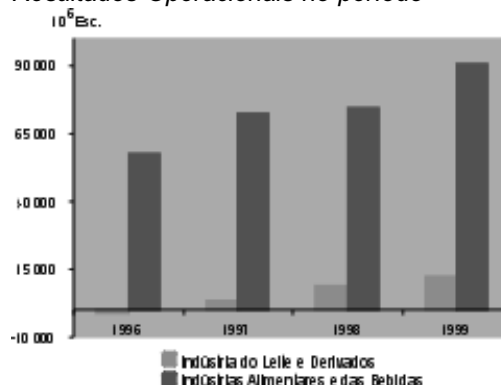
Região	1996	1997	1998	1999
Portugal	9 250 630	4 646 342	5 513 939	8 445 968
Norte	1 499 723	1 242 546	2 343 398	3 665 769
Centro	512 424	1 239 168	716 196	664 051
Lisboa e Vale do Tejo	1 271 155	1 097 681	- 560 460	1 553 295
Alentejo	47 128	225 238	476 797	329 286
Algarve	7 682	664	1 617	0
Açores	5 894 340	835 182	2 485 332	2 188 419
Madeira	18 178	5 863	51 059	45 148

3.7.2 - Resultados Operacionais

De 1996 a 1999 verificou-se um aumento de Resultados Operacionais no sector do Leite e Derivados, uma vez que os Proveitos Operacionais cresceram em ritmo superior aos respectivos custos.

Gráfico 3.13.

Resultados Operacionais no período



A reorganização do sector já referida permitiu que os Resultados Operacionais, após um ano de recessão, recuperassem de forma sustentada.

Em relação à Indústria Alimentar e das Bebidas o sector do Leite e Derivados representava, em 1999, 13,4% do total de Resultados Operacionais, muito superior aos 4,5% que atingiu em 1997. Tal permite, mais uma vez, destacar as potencialidades do sector, até porque saiu de uma situação negativa para uma situação positiva.

3.7.3 – O Endividamento do Sector do Leite e Derivados

Para analisar o endividamento do sector do Leite e Derivados compara-se o peso do endividamento de curto prazo com o peso do endividamento de longo prazo e avalia-se até que ponto as empresas do sector têm solvabilidade, ou seja, capacidade de fazer face às suas dívidas.

Comparando os valores do endividamento no curto prazo com os de longo prazo, verificou-se que, em 1999, o de curto prazo era 2,4 vezes superior. Este resultado enquadra-se nos valores obtidos, no mesmo ano, para a Indústria Transformadora (2,5 vezes superior).

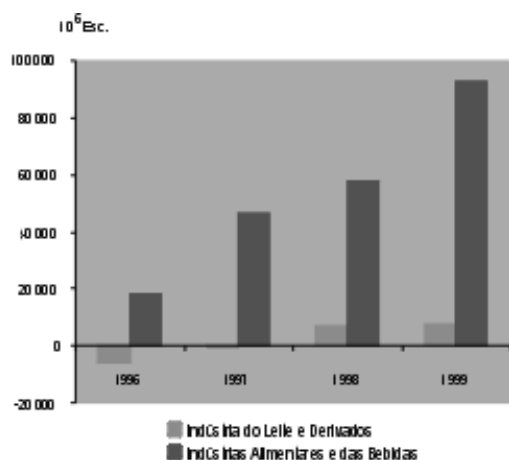
Esta estrutura de endividamento resulta do facto do sector do Leite e Derivados depender muito de matérias-primas, sendo, por isso, os fornecedores os principais responsáveis pelos créditos de curto prazo.

De 1996 a 1999 houve um ligeiro aumento das dívidas de curto prazo (+3 %). Esta situação não indica uma menor capacidade de solvência, mas um grande aumento de produção, que exigiu mais contrapartidas em Consumos Intermediários e logo maiores dívidas a fornecedores.

Quanto ao endividamento de longo prazo, verificou-se uma tendência decrescente para toda a Indústria Transformadora, durante o período em análise. No caso do Leite e Derivados, esta tendência foi muito evidente, reduzindo-se o endividamento de longo prazo em 16,7%. Tal pode ser explicado, em primeiro lugar, pela reconhecida capacidade de solvabilidade no longo prazo, o que se pode comprovar pela análise dos Resultados Antes de Impostos, onde o peso dos encargos financeiros tem vindo a diminuir; em segundo lugar, a diminuição das dívidas de médio e longo prazo também pode dever-se à conjuntura económica no período em análise, por efeito de incentivos ao investimento, baixa das taxas de juro e crescimento económico.

Gráfico 3.14.

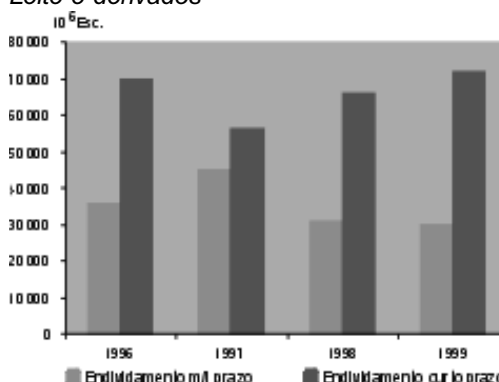
Evolução dos Resultados Antes de Impostos 1996-1999 no sector do Leite e Derivados



Conclui-se, pela análise financeira do sector do Leite e Derivados que, no período 1996-1999, este não se encontra excessivamente endividado, o que lhe permite continuar o seu crescimento. Este sector tem a actividade produtiva concentrada num reduzido número de empresas, o que pode facilitar o acesso em condições mais favoráveis ao crédito bancário.

Gráfico 3.15.

Estrutura do Endividamento na Indústria do Leite e derivados



3.8 - Análise comparativa da Indústria dos Lacticínios em Portugal e Espanha.

Neste ponto proceder-se-á a uma análise comparativa dos sectores da Indústria de Lacticínios em Portugal e em Espanha. Os dados utilizados para a Espanha têm origem no Inquérito Industrial Anual às Empresas realizado pelo Instituto Nacional de Estatística de Espanha e os dados de Portugal têm origem nos resultados do Inquérito à Empresa Harmonizado (IEH).

Contrariamente à análise anterior que incidia sobre o sector das Indústrias de Leite e Derivados (CAE 15510), por indisponibilidade de dados desagregados a quatro dígitos (NACE 1551) para a Espanha, alargou-se o âmbito da análise ao sector de Lacticínios (Grupo 155), que para além da Indústria de Leite e Derivados inclui o sector da Indústria de Fabricação de Gelados e Sorvetes (CAE 15520). No entanto, como o sector da Indústria de Leite e Derivados representa aproximadamente 90% do volume de negócios do total do sector da Indústria de Lacticínios é possível, pela análise do comportamento do sector de Lacticínios, inferir o comportamento do sector do Leite e Derivados em cada um dos países.

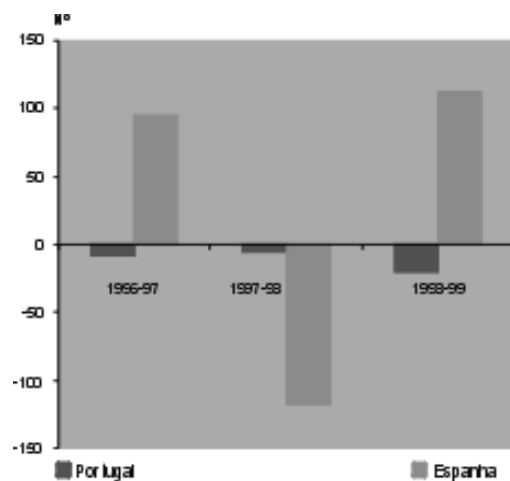
A Indústria de Lacticínios tem em Portugal, no contexto da Indústria da Alimentação e das Bebidas, maior importância do que em Espanha. Em 1999 a Indústria de Lacticínios representava 2,2% do total do Volume de Negócios da Indústria Transformadora em Portugal, enquanto em Espanha esse valor se situava um pouco abaixo, isto é, 2,0%.

No entanto, a especialização portuguesa na Indústria de Lacticínios é, no contexto do total das Indústrias Alimentares e das Bebidas, mais acentuada. A Indústria de Lacticínios em Portugal era responsável, também em 1999, por 13,5 % do Volume de Negócios na Indústria Alimentar e das Bebidas, enquanto que a Indústria de Lacticínios espanhola era responsável por apenas 11,4 %.

O sector da Indústria de Lacticínios nestes países tem vindo a sofrer diversas alterações decorrentes de uma maior abertura proporcionada pelo Mercado Único Europeu e pela acrescida concorrência que daí adveio. Este facto é bem expresso pela instabilidade que se nota, quer em relação ao número de empresas presentes no sector, quer na dimensão média de cada uma dessas empresas. Houve uma diminuição do número de empresas em Portugal, por motivo de encerramento de empresas pouco competitivas e um aumento da dimensão das empresas através de processos de fusões e aquisições, como forma de responder à acrescida concorrência através da exploração de economias de escala. Houve, em Portugal, uma redução 34 empresas de 1996 a 1999.

Gráfico 3.16.

Variação anual do número de empresas no sector



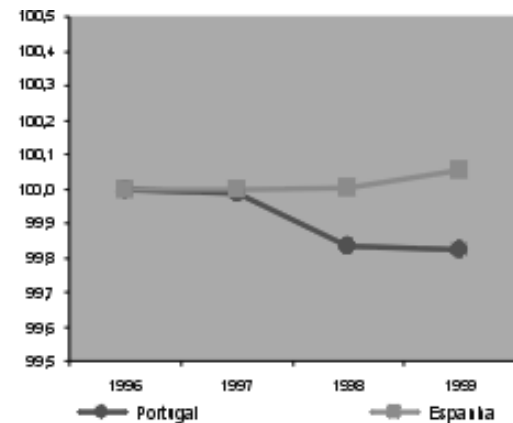
Em Espanha, existe alguma instabilidade, no número de empresas, com variações anuais significativas. O número de empresas aumentou de 1996 para 1997, para no ano seguinte diminuírem, aumentando de novo em 1999.

Quanto à a evolução dos dois países em termos de Volume de Emprego há diferenças,

com uma redução do número de pessoas empregadas no sector em Portugal e com um aumento do Volume de Emprego em Espanha, acompanhando o aumento do número de empresas, verificado em 1999. Há, a partir de 1999, em Portugal uma diminuição do emprego, enquanto que em Espanha a tendência é de crescimento.

Gráfico 3.17.

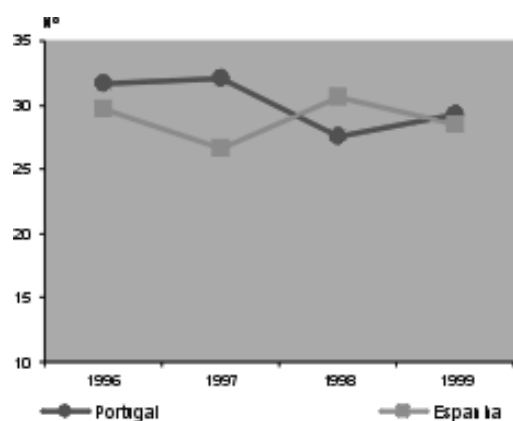
Índice de Evolução do Emprego (1996=100)



Como resultado destas alterações é possível constatar que o número médio de pessoas empregadas na Indústria de Lacticínios em Portugal tem vindo a convergir para o número médio de pessoas empregadas em Espanha no mesmo sector.

Gráfico 3.18.

Número médio de empregados por empresa

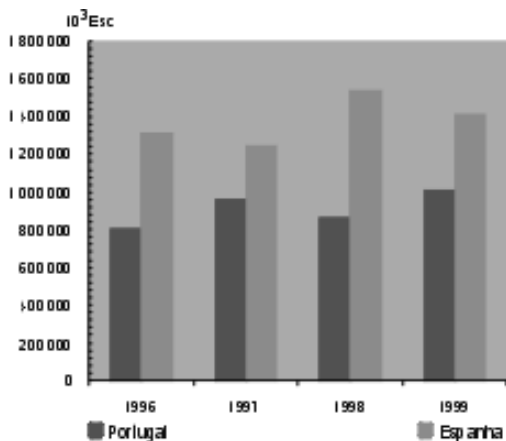


No entanto, este redimensionamento ainda não permitiu reduzir significativamente a diferença que existe entre o Volume de Negócios médio das empresas espanholas deste sector e o da Indústria de Lacticínios portuguesa. Como no período em análise não é possível constatar uma tendência definida para a evolução dessa diferença, não se pode

concluir que haja uma tendência de convergência em termos de Volume de Negócios médio.

Gráfico 3.19.

Volume de negócios médio das empresas

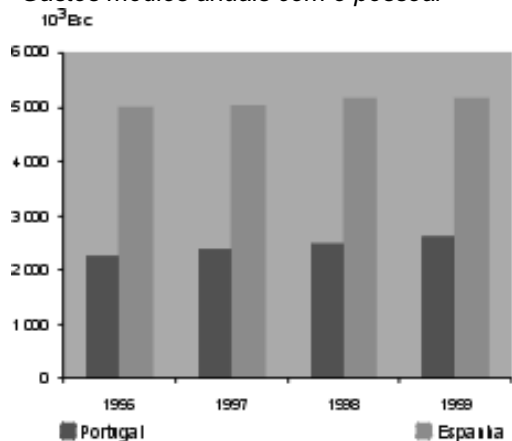


Enquanto em 1999 o Volume de Negócios médio de uma empresa portuguesa de Lacticínios era de cerca de 1 000 milhões de escudos ano, para as suas congéneres espanholas este valor era 40 % superior, cifrando-se em cerca de 1 400 milhões de escudos.

As empresas nacionais apresentam uma desvantagem competitiva importante relativamente a Espanha. O número médio de trabalhadores por empresa é quase igual ao espanhol, mas o Volume de Negócios médio é bastante inferior, sendo, de certo modo, compensada esta diferença pela menor remuneração média auferida pelos trabalhadores das Indústrias de Lacticínios nacionais, muito inferior à de Espanha.

Gráfico 3.20.

Gastos médios anuais com o pessoal

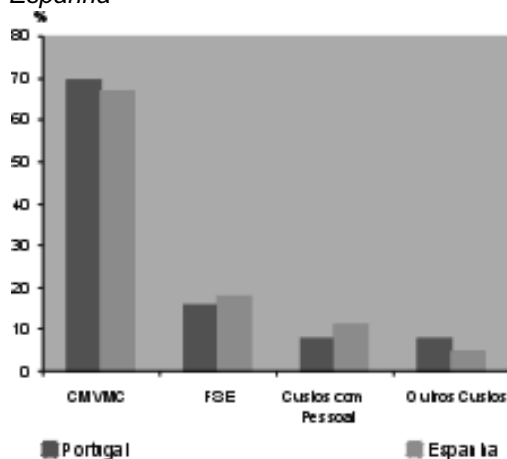


Os custos médios anuais com o pessoal de uma empresa portuguesa do sector são sensivelmente apenas 50 % dos custos similares das empresas espanholas. Assim, um trabalhador da Indústria de Lacticínios portuguesa representava um encargo, em 1999, para a sua empresa de aproximadamente 2 590 mil escudos por ano (o que corresponderia a um salário mensal, para 13 meses, de 199 mil escudos). Pelo contrário, o seu congénere espanhol representava um encargo para a sua empresa 5 150 milhares de escudos por ano (o que corresponderia a um salário mensal de 396 mil escudos).

Este facto também é visível se procedermos a uma análise da Estrutura de Custos das empresas de Lacticínios dos dois países. As empresas espanholas gastam percentualmente mais com os seus trabalhadores do que as empresas portuguesas. Como contrapartida os Custos das Mercadorias Vendidas e das Matérias Consumidas (CMVMC) representam uma percentagem maior dos Custos das empresas de Lacticínios portuguesas. Assim, enquanto as empresas espanholas afectavam em 1999 quase 11 % dos seus Custos a gastos de pessoal, em Portugal, esses gastos, não chegavam a atingir 7,5% do total de Custos suportados pelas empresas nacionais.

Gráfico 3.21.

Estruturas de Custos em 1999 para Portugal e Espanha



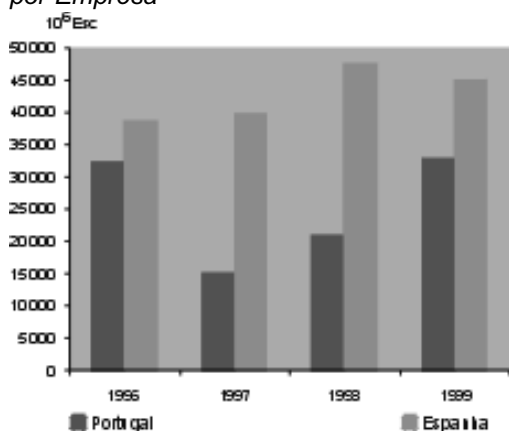
Já no que se refere ao CMVMC as empresas portuguesas afectavam quase 70 % do total dos seus Custos enquanto que as empresas espanholas se ficavam pelos 67 %. Também no que se refere aos Fornecimentos e Serviços Externos (FSE) que incluem, por exemplo, serviços de consultoria e apoio de

gestão, as empresas espanholas apresentam uma maior percentagem de gastos do que as empresas nacionais.

Também a análise do investimento, que se faz através do aumento de imobilizado corpóreo, revela um comportamento menos dinâmico das empresas portuguesas de Lacticínios face às suas congéneres espanholas. As empresas espanholas têm, em média, investido mais em activos tangíveis (maquinaria, por exemplo) do que as empresas nacionais.

Gráfico 3.22.

Aumentos Médios de Imobilizado Corpóreo por Empresa



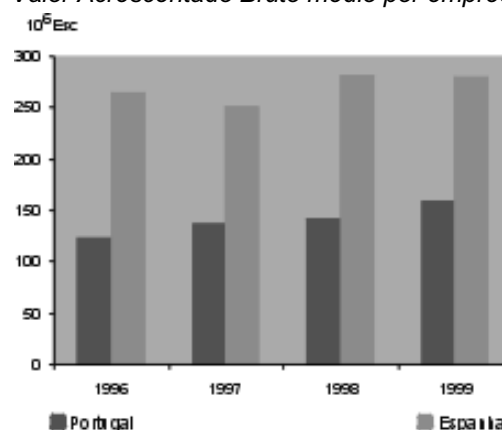
As oscilações no investimento médio por empresa portuguesa são substanciais. De 1996 para 1997 o investimento médio nas empresas do sector de Lacticínios passa de cerca de 32,2 milhões de escudos para um valor de menos de metade (cerca de 15 milhões de escudos), apenas voltando em 1999 para níveis semelhantes aos de 1996. Já as empresas espanholas do sector de Lacticínios têm revelado um comportamento mais estável, nos anos em análise, nunca descendo abaixo dos 38 milhões de escudos. As diferenças entre os níveis de investimento médio por empresa em Portugal e Espanha são um reflexo da instabilidade do investimento em Portugal. Esta diferença atingiu o seu máximo em 1997, quando em Portugal esse valor era apenas 37,7 % do valor para Espanha; no entanto após esta acentuada quebra, registou-se uma recuperação. Em 1999 o investimento médio por empresa em Portugal representava 73 % do valor registado em Espanha.

A criação de riqueza, medida pelo Valor Acrescentado Bruto (VAB), também constitui um factor de análise importante. Portugal

apresenta um Valor Acrescentado Bruto por empresa menor do que o apresentado pelas empresas espanholas, embora exista, nos últimos anos, uma aproximação das empresas portuguesas. Em 1996 o VAB por empresa em Portugal era apenas 46,5% do espanhol, sendo que em 1999 essa percentagem tinha aumentado para 57,2 %, o que constitui uma recuperação considerável. A diferença é ainda muito significativa, com as empresas portuguesas a criarem, em média, um Valor Acrescentado Bruto de 159,6 milhões de escudos, enquanto as suas congéneres espanholas criavam, em média, um Valor Acrescentado Bruto de cerca de 280 milhões de escudos por ano.

Gráfico 3.23.

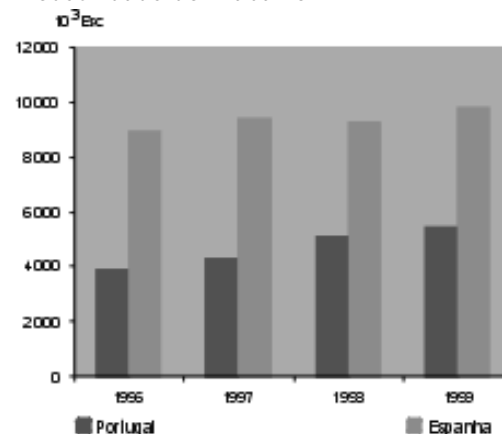
Valor Acrescentado Bruto médio por empresa



Outro indicador importante é a produtividade medida pelo quociente VAB por trabalhador. Neste indicador Portugal apresenta, mais uma vez, uma desvantagem considerável face a Espanha.

Gráfico 3.24.

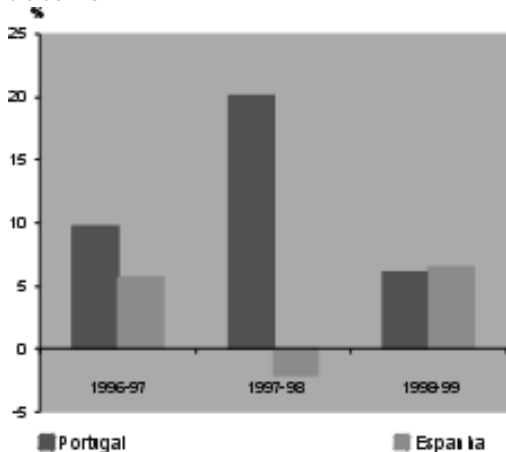
Produtividade do Trabalho



Em 1996 um trabalhador do sector de Lacticínios em Portugal, criava um Valor Acrescentado Bruto anual de cerca de 3 928 mil escudos por ano enquanto que um espanhol criava um valor acrescentado bruto de 8 911 mil escudos por ano, ou seja, a produtividade do trabalhador nacional era apenas 44 % da produtividade do trabalhador espanhol. Esse valor tem vindo a aumentar em Portugal e tem sido visível uma aproximação face a Espanha; assim, em 1997, esse valor era já de 45 %, em 1998 de 55 % e, em 1999, cada trabalhador português criava já um valor acrescentado bruto de 5 461 mil escudos por ano face a um valor de 9 816 mil escudos do seu equivalente espanhol, mantendo-se em 55 % a produtividade face a Espanha.

Gráfico 3.25.

Crescimento anual da produtividade do trabalho

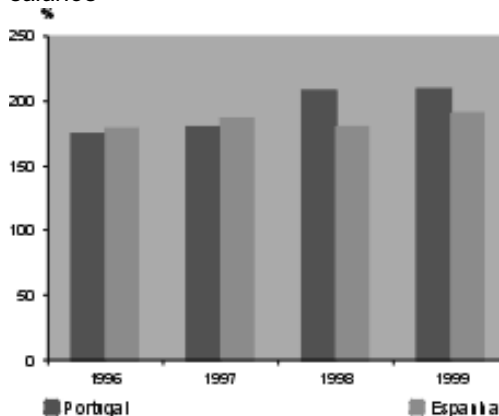


A aproximação nacional é comprovada pela análise das taxas de crescimento da produtividade nos dois países. Portugal apresenta sempre taxas de crescimento positivas da produtividade, enquanto que, de 1997 para 1998, a produtividade do trabalhador das empresas do sector de Lacticínios em Espanha cai 2 %. Nesse mesmo período a produtividade do trabalhador das empresas nacionais do sector cresceu 20 %. Apenas em 1999 a produtividade dos trabalhadores das empresas espanholas do sector de Lacticínios cresceu acima da produtividade das empresas portuguesas similares. Neste ano a sua produtividade cresceu aproximadamente 6,5 %, enquanto a produtividade dos trabalhadores das empresas nacionais aumentou 6 %.

Em termos de competitividade, é interessante, na comparação entre Portugal e Espanha, obter um indicador que permita combinar a vantagem competitiva da maior produtividade por trabalhador existente em Espanha, com a vantagem competitiva portuguesa referente aos menores custos salariais. Este indicador é a produtividade do trabalho ajustada pelos salários, que compara o VAB criado no sector com as suas despesas com pessoal. Em 1999 este índice, era de 209,5 para Portugal e de 190,6 para Espanha. Assim, enquanto em Portugal por cada escudo pago aos trabalhadores a empresa criava um valor acrescentado de cerca de 2,1 escudos, em Espanha o valor acrescentado era de apenas 1,9 escudos.

Gráfico 3.26.

Produtividade do trabalho ajustada pelos salários



A evolução deste indicador tem sido bastante favorável. Em 1996, Portugal apresentava uma produtividade do trabalho ajustada pelos salários menor do que Espanha; no entanto, em 1998, fruto do maior crescimento da sua produtividade do trabalho, tinha conseguido ultrapassar a Espanha. Esta vantagem é ainda mais importante porque resulta sobretudo de um maior crescimento da produtividade do trabalho face a Espanha e não de uma redução dos salários pagos no sector nacional.

Leite e Derivados 1996-2000



CAPÍTULO 4 Comércio Internacional

4. Comércio Internacional

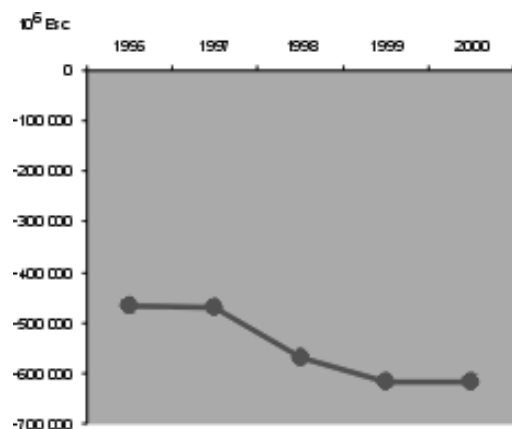
4.1 Leite e Produtos lácteos

Os produtos agrícolas e alimentares têm um peso económico importante na balança comercial portuguesa. As entradas de produtos agrícolas e alimentares representavam, em 2000, 11,3 % do valor total das saídas e 6,8 % do total das entradas e eram responsáveis por 18,3 % do défice da balança comercial.

A balança comercial portuguesa de produtos agrícolas e alimentares é fortemente deficitária. Em 2000 o saldo comercial foi de - 618 602 milhões de escudos e a taxa de cobertura, para o mesmo ano, foi de 36,9%. Durante o período em análise, 1996-2000, verificou-se um agravamento do défice comercial em cerca de 32,7 %.

Gráfico 4.1.

Saldo Comercial dos Produtos Agrícolas e Alimentares

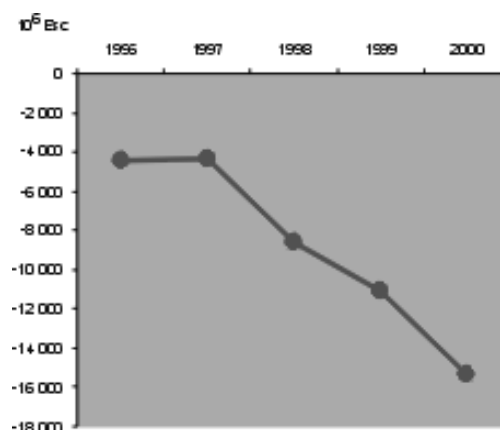


As entradas de leite e produtos lácteos representavam, em 2000, 4,7 % do valor total de entradas de produtos agrícolas e alimentares e 8,5 % do valor das saídas.

O saldo comercial dos leites e produtos lácteos é igualmente negativo e tem vindo a agravar-se nos últimos anos. Em 1996, a balança comercial para estes produtos foi de - 4 406 milhões de escudos e, em 2000 de - 15 369 milhões de escudos.

Gráfico 4.2.

Saldo Comercial do Leite e Produtos Lácteos

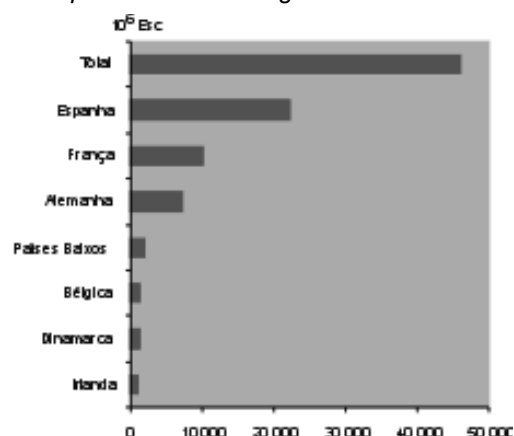


As trocas comerciais realizam-se quase exclusivamente no espaço europeu, sendo a Espanha o nosso principal parceiro comercial.

Em 2000 as entradas de leite e produtos lácteos de Espanha ascenderam a 22 167 milhões de escudos, ou seja, 48,2 % do total das entradas. A França e a Alemanha aparecem, respectivamente em 2º e 3º lugares em ordem de importância.

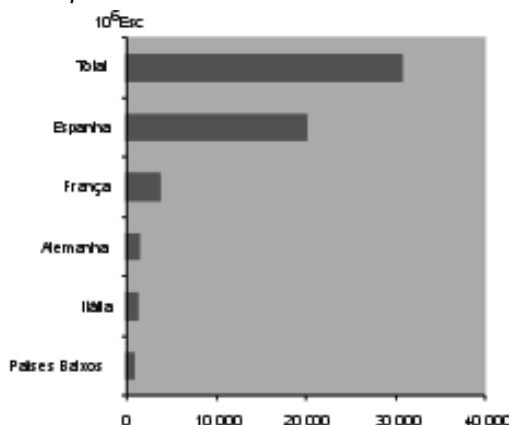
Gráfico 4.3.

Entradas de Leite e Produtos Lácteos pelos Principais Países de Origem - 2000



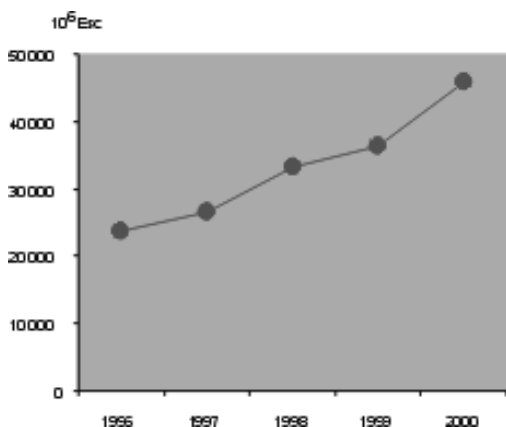
As saídas destinam-se maioritariamente aos países da União Europeia (EU), sendo igualmente a Espanha o principal destino das nossas saídas, 65,5 % do total exportado em 2000. A França é o segundo mercado de destino, seguindo-se a Alemanha e a Itália.

Gráfico 4.4.
Saídas de Leite e Produtos Lácteos pelos Principais Países de Destino - 2000



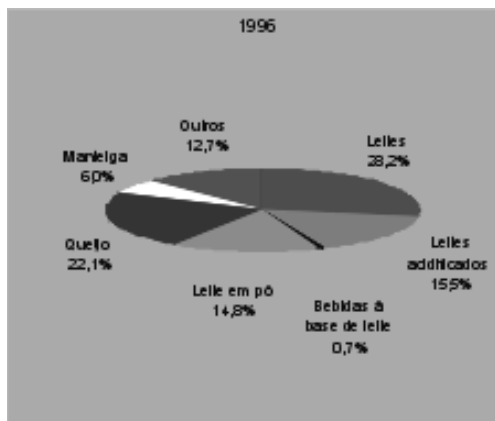
As entradas de leite e produtos lácteos têm vindo a aumentar. Em valor, verificou-se um crescimento de 93 % de 1996 para 2000, essencialmente devido ao forte aumento das entradas de leites acidificados e de queijo.

Gráfico 4.5.
Entradas de Leite e Produtos Lácteos



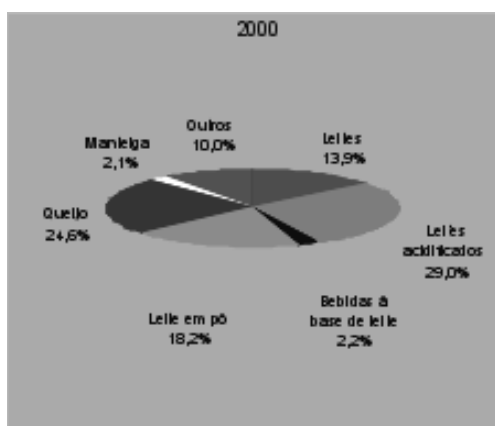
Em 2000 as entradas, em valor, de leites e produtos lácteos, repartiram-se fundamentalmente por leites acidificados, com 29 %, queijo, com 24,6 %, leite em pó, com 18,2 % e leites, com 13,9 %. As entradas de manteiga e de bebidas à base de leite foram ligeiramente superiores a 2 % do valor total.

Gráfico 4.6.
Estrutura das Entradas de Leite e Produtos Lácteos (em valor)



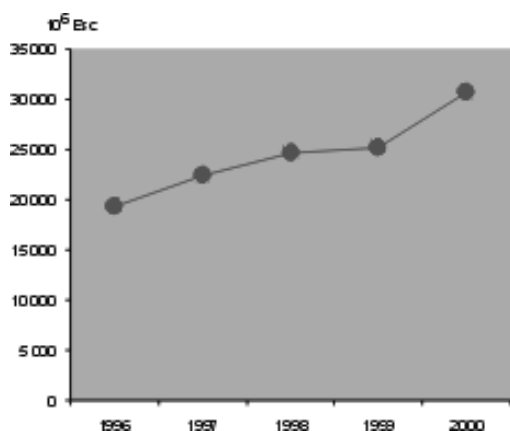
Se, em 2000, compararmos a estrutura das entradas face a 1996, verifica-se que, para aquele ano, os leites eram o principal produto, com 28,2 %, seguindo-se o queijo com 22,1 %, os leites acidificados com 15,5 %, o leite em pó com 14,8 % e a manteiga com 6 %.

Gráfico 4.7.
Estrutura das Saídas de Leite e Produtos Lácteos (em valor)



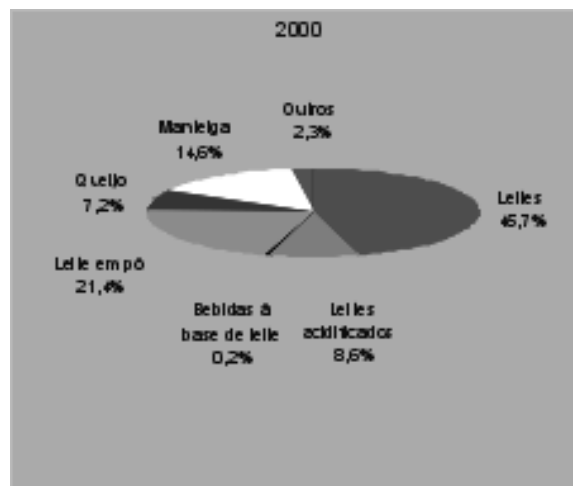
As saídas de leite e produtos lácteos têm registado igualmente um aumento, embora a um ritmo inferior ao das entradas. De 1996 para 2000 verificou-se um acréscimo de 57,9 %

Gráfico 4.8.
Saídas de Leite e Produtos Lácteos



Em 2000 os leites foram a principal fracção das saídas, com 45,7% do valor total, seguindo-se o leite em pó, com 21,4%, a manteiga com 14,6 %, os leites acidificados com 8,6% e o queijo com 7,2%.

Gráfico 4.9.
Estrutura das Saídas de Leite e Produtos Lácteos (em valor)



Quadro 4.1.
Comércio Internacional de Leite e Produtos Lácteos por Países de Origem e de Destino

Unidade: 10⁶ ESC.

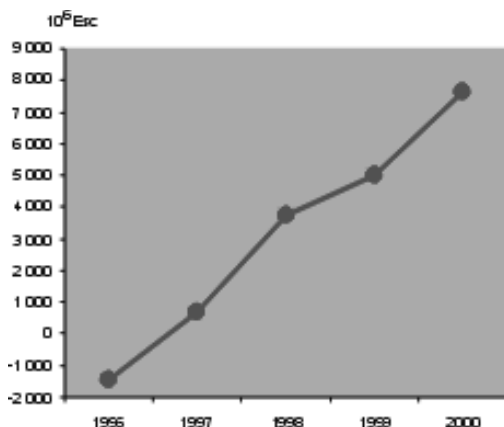
Produto	Entradas					Saídas				
	1996	1997	1998	1999	2000	1996	1997	1998	1999	2000
Alemanha	2 945	3 957	5 894	5 785	7 080	229	317	182	1 072	1 368
Áustria	37	27	28	72	69	15	17	2	2	206
Bélgica	558	575	621	953	1 304	453	615	200	274	251
Dinamarca	1 037	1 041	1 165	1 333	1 223	224	181	2	11	-
Espanha	7 551	9 429	13 140	16 918	22 167	8 709	12 695	16 109	15 254	20 073
Finlândia	-	-	-	-	-	22	14	15	-	-
França	7 036	7 604	8 375	6 896	9 944	3 636	3 788	3 984	4 434	3 551
Grécia	-	-	-	2	17	87	81	3	-	-
Irlanda	713	693	710	1 025	1 041	-	-	-	-	1
Itália	660	116	205	282	181	2 087	1 136	1 542	1 276	1 221
Luxemburgo	-	-	-	23	511	162	0	0	67	58
Países Baixos	1 864	1 690	1 645	1 744	1 954	199	534	345	341	829
Reino Unido	890	984	883	934	115	489	247	132	167	143
Suécia	57	60	56	24	19	-	-	-	-	-
União Europeia	23 348	26 176	32 722	35 991	45 625	16 312	19 625	22 516	22 898	27 701
Países Terceiros	449	481	509	282	370	3 081	2 707	2 113	2 311	2 926
Total	23 797	26 657	33 231	36 273	45 995	19 393	22 332	24 629	25 209	30 627

Nota: para os anos de 1996 a 1998, os dados relativos ao Luxemburgo, encontram-se agregados e registados na linha referente à Bélgica.

4.2 Leites

A balança comercial para os leites, entre 1996 e 2000, com excepção de 1996, é positiva e tem registado um crescimento acentuado. Portugal, passou de uma situação de défice, em 1996, de -1 430 milhões de escudos para um excedente de 7 628 milhões de escudos em 2000.

Gráfico 4.10.
Saldo Comercial do Leite

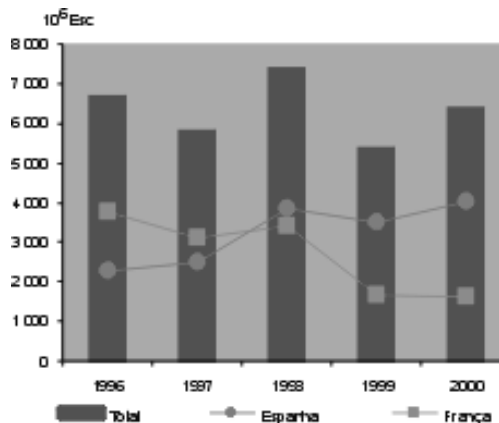


O ritmo das saídas tem sido muito superior ao das entradas tendo a taxa de cobertura passado de 78,7 %, em 1996, para 220 % em 2000.

As trocas comerciais de leites são essencialmente efectuadas com a União Europeia.

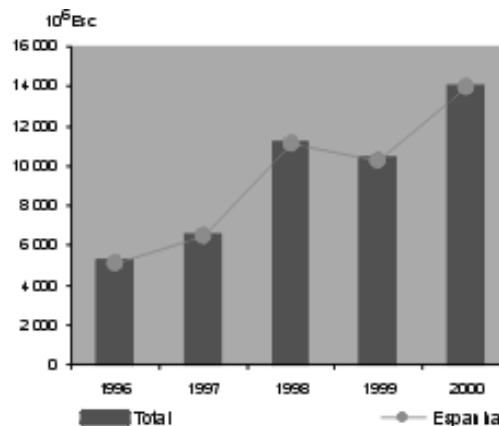
Em termos de entradas, Espanha e França são os principais países de origem dos leites. Entre 1996 e 2000, embora o valor das entradas se tenha mantido relativamente estável, há a referir a intensificação das entradas a partir do mercado espanhol, em detrimento do mercado francês.

Gráfico 4.11.
Entradas de Leite pelos Principais Países de Origem



As saídas de leites fazem-se quase exclusivamente para Espanha, sendo de registar o aumento deste mercado em 5 096 milhões de escudos em 1996, para 13 924 milhões de escudos em 2000.

Gráfico 4.12.
Saídas de Leite para os Principais Países de Destino



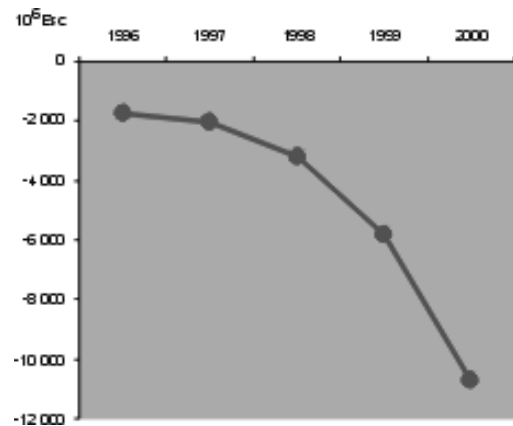
Quadro 4.2.*Comércio Internacional de Leite por Países de Origem e Destino*Unidade: 10⁶ ESC.

Países	Produto	Entradas					Saídas				
		1996	1997	1998	1999	2000	1996	1997	1998	1999	2000
Alemanha		73	196	161	153	710	0	0	1	-	-
Áustria		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bélgica		-	-	0	-	0	-	0	1	62	0
Dinamarca		1	-	-	5	-	-	-	-	-	-
Espanha		2 259	2 481	3 835	3 491	4 018	5 096	6 448	11 085	10 244	13 924
Finlândia		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
França		3 762	3 114	3 400	1 658	1 633	0	0	0	0	0
Grécia		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Irlanda		-	-	-	-	-	-	-	0	-	1
Itália		600	0	-	53	13	7	-	-	-	-
Luxemburgo		-	-	-	-	-	-	-	-	1	0
Países Baixos		13	26	7	5	0	16	-	0	0	-
Reino Unido		-	-	0	-	-	0	0	1	0	0
Suécia		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
União Europeia		6 708	5 817	7 403	5 365	6 375	5 119	6 448	11 088	10 307	13 925
Países Terceiros		0	0	0	0	0	159	53	71	62	79
Total		6 708	5 817	7 403	5 365	6 375	5 279	6 500	11 159	10 369	14 003

Nota: para os anos de 1996 a 1998, os dados relativos ao Luxemburgo, encontram-se agregados e registados na linha referente à Bélgica.

4.3 Leites acidificados (incluindo iogurtes)

O saldo comercial dos leites acidificados (incluindo iogurtes) é negativo, observando-se que ao longo dos últimos cinco anos, o ritmo das entradas destes produtos, superou largamente as saídas. Em 1996 apresentavam um saldo negativo de - 1 775 milhões de escudos e em 2000 este valor já atingia os - 10 716 milhões de escudos.

Gráfico 4.13.*Saldo Comercial dos Leites Acidificados*

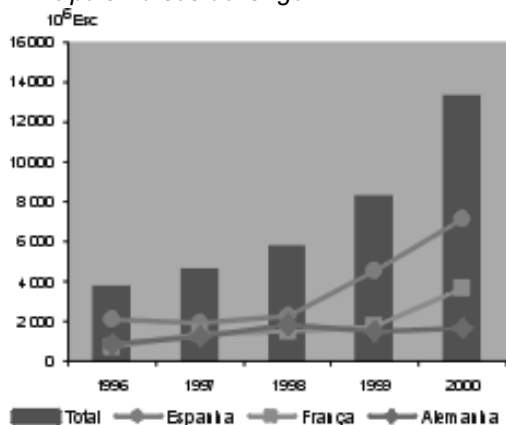
A evolução do indicador taxa de cobertura, coloca em evidência o aumento da dependência externa destes produtos. Em 1996 a taxa de cobertura era de 52 % e em 2000 era de apenas 19,7%.

O aumento do consumo destes produtos e a deslocalização da produção de algumas multinacionais para Espanha, são certamente algumas das razões que explicam a actual situação.

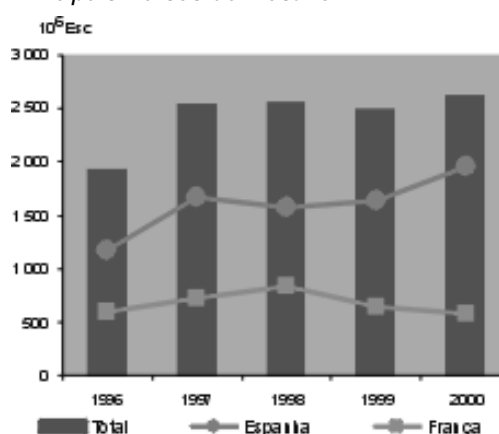
As entradas atingiram em 2000 os 13 337 milhões de escudos. Espanha, com 53,6 % do valor das entradas é o principal mercado de origem, seguindo-se a França com 27,6% e a Alemanha com 12,3 %. De referir, para 2000, o forte impulso das entradas com origem no mercado belga, 858 milhões de escudos, que eram até 1999, praticamente inexistentes.

Gráfico 4.14.

Entradas de Leites Acidificados pelos Principais Países de Origem

**Gráfico 4.15.**

Saídas de Leites Acidificados para os Principais Países de Destino



As saídas dirigem-se maioritariamente para os mercados da União Europeia. Em 2000, as saídas de Portugal para este mercado equivaleram a 2 562 milhões de escudos, dos quais, 76,6 % teve como destino o mercado espanhol e 22,4 % o mercado francês. Para fora da União Europeia, as saídas representaram apenas 2,3 %.

Quadro 4.3.

Comércio Internacional de Leites Acidificados (incluindo iogurtes) por Países de Origem e Destino

Unidade: 10⁶ ESC.

Países	Produto	Entradas					Saídas				
		1996	1997	1998	1999	2000	1996	1997	1998	1999	2000
Alemanha		857	1 245	1 834	1 521	1 646	-	0	1	104	15
Áustria		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bélgica		1	20	73	518	858	50	31	42	22	6
Dinamarca		-	0	13	3	1	-	-	-	-	-
Espanha		2 094	1 919	2 282	4 517	7 145	1 175	1 665	1 580	1 629	1 962
Finlândia		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
França		731	1 351	1 497	1 721	3 682	587	726	831	647	574
Grécia		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Irlanda		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Itália		4	20	49	7	1	-	-	34	13	-
Luxemburgo		-	-	-	2	-	-	-	-	0	-
Países Baixos		8	8	4	4	1	-	0	-	-	0
Reino Unido		2	4	4	2	3	65	21	1	1	4
Suécia		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
União Europeia		3 698	4 567	5 754	8 293	13 337	1 878	2 443	2 490	2 417	2 562
Países Terceiros		0	3	1	2	0	45	93	58	74	59
Total		3 698	4 570	5 756	8 295	13 337	1 923	2 536	2 547	2 491	2 621

Nota: para os anos de 1996 a 1998, os dados relativos ao Luxemburgo, encontram-se agregados e registados na linha referente à Bélgica.

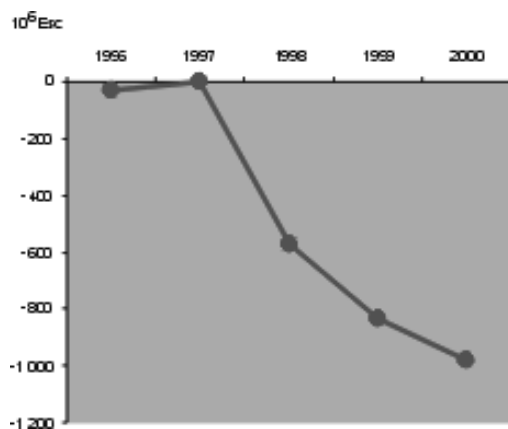
4.4. Bebidas à base de leite e outros produtos frescos

O saldo comercial das bebidas à base de leite e outros produtos frescos foi, em 2000, de - 983 milhões de escudos.

Durante o período em análise, 1996-2000, verificou-se um agravamento do défice comercial destes produtos, provavelmente devido ao forte impulso verificado no seu consumo.

Gráfico 4.16.

Saldo Comercial das Bebidas à Base de Leite

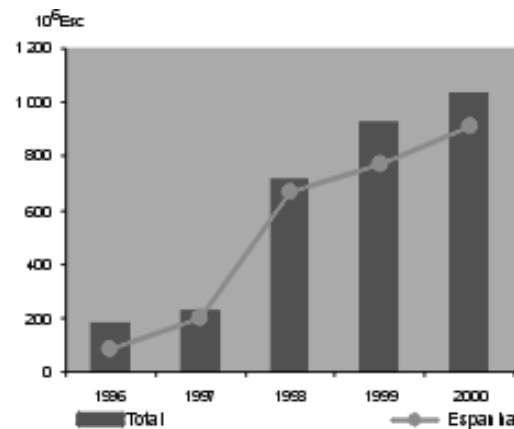


As entradas cresceram, nos últimos cinco anos 482 %, passando de 177 milhões de escudos, em 1996, para 1 030 milhões de escudos em 2000.

O principal mercado de origem é a Espanha, com 88,5% do valor total das entradas.

Gráfico 4.17.

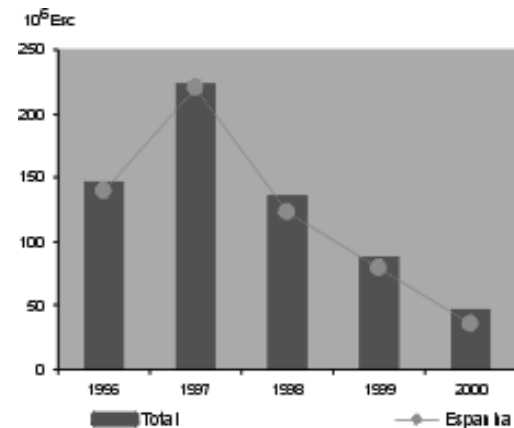
Entradas de Bebidas à Base de Leite pelos Principais Países de Origem



As saídas são praticamente inexistentes e regrediram fortemente nos últimos anos, destinando-se quase exclusivamente ao mercado espanhol.

Gráfico 4.18.

Saídas de Bebidas à Base de Leite para os Principais Países de Destino



Quadro 4.4.

Comércio Internacional de Bebidas à Base de Leite e outros Produtos Frescos por Países de Origem e Destino

Unidade: 10⁶ ESC.

Países	Produto	Entradas					Saídas				
		1996	1997	1998	1999	2000	1996	1997	1998	1999	2000
Alemanha		39	3	5	91	85	0	-	-	-	-
Áustria		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bélgica		-	0	0	0	-	-	-	0	-	
Dinamarca		-	-	-	-	0	-	-	-	-	
Espanha		81	201	666	772	912	140	220	123	79	36
Finlândia		-	-	-	-	-	-	-	-	-	
França		55	20	37	58	31	-	-	-	-	0
Grécia		-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Irlanda		1	2	0	0	-	-	-	-	-	
Itália		-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Luxemburgo		-	-	-	-	-	-	-	-	0	0
Países Baixos		-	0	-	-	-	-	-	-	0	-
Reino Unido		0	0	0	-	-	-	-	-	-	
Suécia		-	-	-	-	1	-	-	-	-	
União Europeia		177	226	708	921	1 030	140	220	123	79	36
Países Terceiros		-	-	2	-	0	6	3	12	9	10
Total		177	226	710	921	1 030	146	223	135	88	46

Nota: para os anos de 1996 a 1998, os dados relativos ao Luxemburgo, encontram-se agregados e registados na linha referente à Bélgica.

4.5. Leite em pó

Portugal passou de uma situação de excedente em 1996, com um saldo comercial de 1 235 milhões de escudos, para uma situação de défice a partir de 1998, sendo em 2000 de -1 794 milhões de escudos.

A taxa de cobertura deste produto era em 1996 de 135,1% e em 2000 de 78,5%.

A maioria das entradas tem origem no mercado comunitário. Em 2000, os países da UE foram responsáveis por 97,4% do valor das entradas. A Espanha é tradicionalmente o principal país de origem, 35,4% do total em 2000, seguindo-se, para o mesmo ano, a França, com 20,5%, os Países Baixos, com 13,9%, a Irlanda com 11,9% e a Alemanha, com 10,1%.

Gráfico 4.19.

Saldo Comercial de Leite em Pó

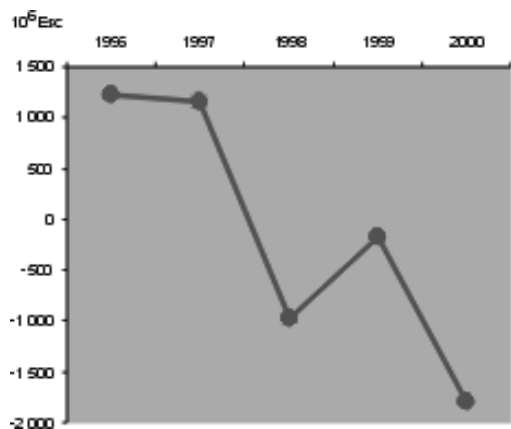
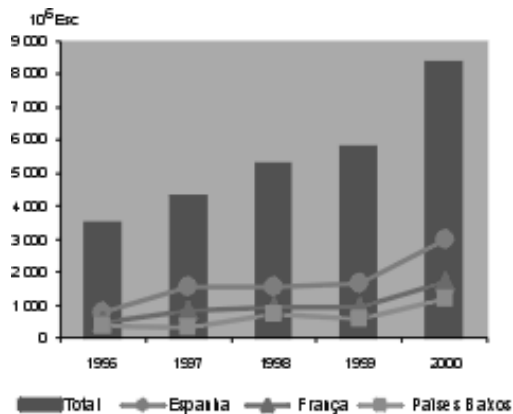


Gráfico 4.20.

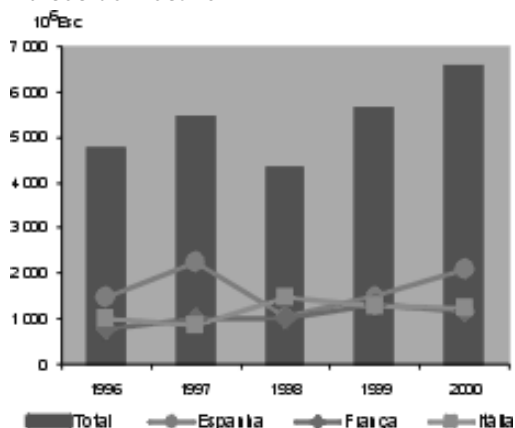
Entradas de Leite em Pó pelos Principais Países de Origem



As saídas, estão orientadas essencialmente para o mercado europeu. Em 2000 o valor das saídas foi de 6 568 milhões de escudos, dos quais 31,6 % resultaram de vendas para Espanha. A Itália e a França, com valores muito próximos, aparecem em segundo e terceiro lugar com, respectivamente, 18,6 % e 17,8 %.

Gráfico 4.21.

Saídas de Leite em Pó para os Principais Países de Destino

**Quadro 4.5.**

Comércio Internacional de Leites em Pó por Países de Origem e Destino

Unidade: 10⁶ ESC.

Produto	Entradas					Saídas				
	1996	1997	1998	1999	2000	1996	1997	1998	1999	2000
Alemanha	683	346	676	726	846	4	10	76	106	30
Áustria	-	-	-	-	-	2	2	2	2	2
Bélgica	13	82	68	69	93	183	149	20	76	13
Dinamarca	337	366	392	539	374	-	-	-	11	-
Espanha	749	1 525	1 560	1 628	2 963	1 462	2 253	1 031	1 503	2 076
Finlândia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
França	474	808	911	921	1 672	774	1 021	1 014	1 327	1 172
Grécia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Irlanda	604	660	710	1 024	999	-	-	-	-	-
Itália	0	-	1	47	16	1 000	843	1 461	1 262	1 221
Luxemburgo	-	-	-	-	-	-	-	-	10	13
Países Baixos	375	321	735	556	1 166	1	338	148	322	632
Reino Unido	83	34	0	176	15	19	20	25	149	33
Suécia	13	23	32	-	-	-	-	-	-	-
União Europeia	3 332	4 163	5 084	5 686	8 145	3 445	4 636	3 778	4 767	5 191
Países Terceiros	187	132	233	125	218	1 309	820	556	878	1 377
Total	3 519	4 295	5 317	5 811	8 363	4 754	5 456	4 334	5 645	6 568

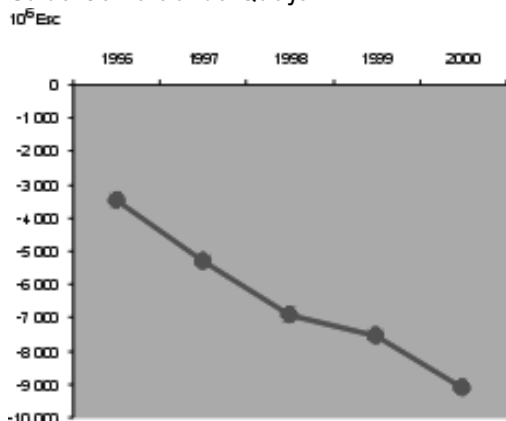
Nota: para os anos de 1996 a 1998, os dados relativos ao Luxemburgo, encontram-se agregados e registados na linha referente à Bélgica.

4.6 Queijo

Portugal apresenta um saldo comercial negativo, que tem vindo a agravar-se nos últimos anos. Em 1996, o défice era de -3 477 milhões de escudos e em 2000 ascende já aos -9 090 milhões de escudos.

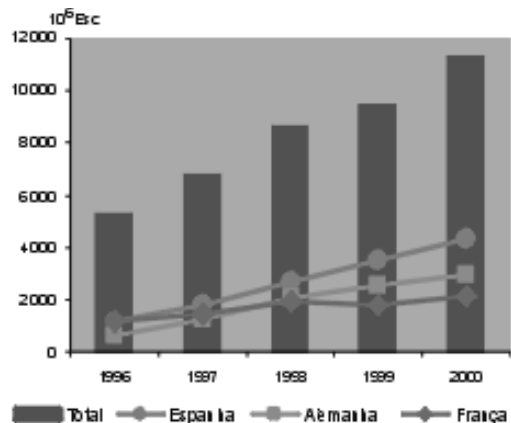
A taxa de cobertura era em 1996 de 34 % e passou em 2000 para 19,6 %.

Gráfico 4.22.
Saldo Comercial do Queijo



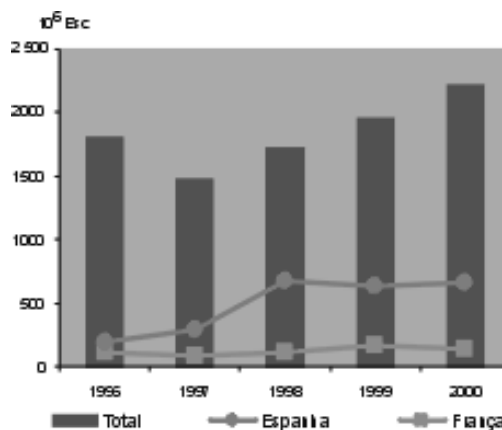
Espanha, França e Alemanha são os principais mercados de origem dos queijos que entram em Portugal. Em 2000 o mercado espanhol foi responsável por 38,2 % do valor total entrado, seguindo-se o mercado alemão com 25,9 % e o mercado francês com 18,9 %.

Gráfico 4.23.
Entradas de Queijo pelos Principais Países de Origem



As saídas apresentaram um ligeiro crescimento, embora muito inferior ao ritmo de crescimento das entradas. Para 2000, a saída de queijo rendeu 2 217 milhões de escudos, dos quais 29,8 % corresponderam a vendas para Espanha. A França aparece em 2º lugar com 6,0 %, seguindo-se com valores muito próximos os mercados dos Países Baixos, Reino Unido e Alemanha.

Gráfico 4.24.
Saídas de Queijo para os Principais Países de Destino



Quadro 4.6.*Comércio Internacional de Queijo por Países de Origem e Destino*Unidade: 10⁶ ESC.

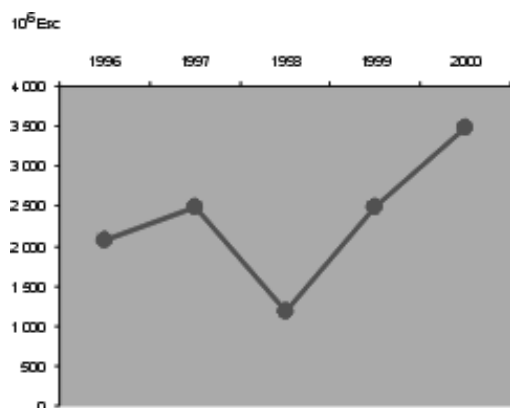
Países	Entradas					Saídas				
	1996	1997	1998	1999	2000	1996	1997	1998	1999	2000
Alemanha	623	1 266	2 082	2 518	2 926	14	7	12	14	88
Áustria	17	14	22	17	7	-	-	-	-	-
Bélgica	392	430	434	237	198	56	49	57	8	32
Dinamarca	530	452	525	435	468	21	-	2	-	-
Espanha	1 134	1 769	2 648	3 525	4 315	187	282	675	632	660
Finlândia	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-
França	1 173	1 451	1 899	1 790	2 139	105	81	109	171	134
Grécia	-	0	0	2	17	-	-	-	-	-
Irlanda	11	19	-	-	41	-	-	-	-	-
Itália	56	83	140	141	139	500	34	0	1	-
Luxemburgo	-	-	-	20	511	-	-	-	53	40
Países Baixos	1 098	992	631	649	373	1	1	19	16	94
Reino Unido	125	92	82	68	87	3	2	5	7	93
Suécia	9	13	-	-	-	-	-	-	-	-
União Europeia	5 168	6 582	8 463	9 400	11 222	887	457	880	902	1 141
Países Terceiros	103	217	160	85	85	907	1 007	839	1 053	1 076
Total	5 271	6 799	8 623	9 485	11 307	1 794	1 464	1 719	1 955	2 217

Nota: para os anos de 1996 a 1998, os dados relativos ao Luxemburgo, encontram-se agregados e registados na linha referente à Bélgica.

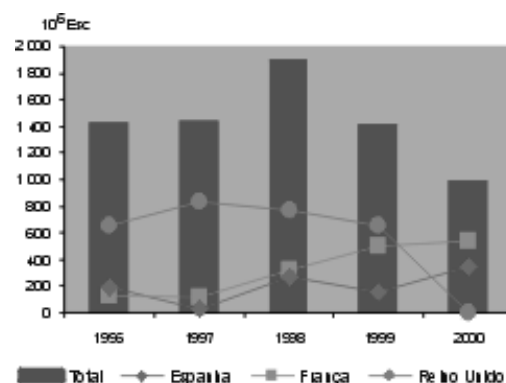
4.7. Manteiga

Portugal regista um saldo comercial positivo, que tem vindo a crescer nos últimos anos. Em 1996 era de 2 076 milhões de escudos e em 2000 representa já 3 483 milhões de escudos.

França, com 539 milhões de escudos em 2000, é o principal país de origem da manteiga, seguindo-se a Espanha, com 352 milhões de escudos.

Gráfico 4.25.*Saldo Comercial da Manteiga*

O valor das entradas apresenta uma tendência decrescente, tendo sido, no ano 2000, de 988 milhões de escudos.

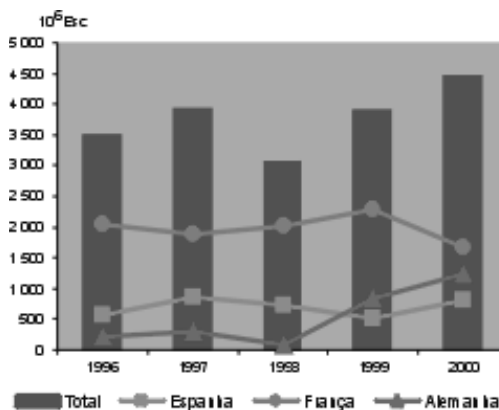
Gráfico 4.26.*Entradas de Manteiga pelos Principais Países de Origem*

As saídas apresentam uma tendência crescente e ascenderam, em 2000, a 4 472 milhões de escudos.

França é tradicionalmente o destino da manteiga portuguesa, sendo de salientar, nos últimos anos, o crescimento dos mercados alemão, espanhol, austríaco e belga.

Gráfico 4.27.

Saídas de Manteiga para os Principais Países de Destino



Quadro 4.7.

Comércio Internacional de Manteiga por Países de Origem e Destino

Unidade: 10⁶ ESC.

Países	Produto	Entradas					Saídas				
		1996	1997	1998	1999	2000	1996	1997	1998	1999	2000
Alemanha		165	345	397	0		208	298	91	846	1 234
Áustria		-	-	-	-		13	15	-	-	204
Bélgica		65	1	2	73	73	162	385	73	106	200
Dinamarca		3	7	-	-		203	181	-	-	-
Espanha		188	23	271	152	352	557	865	737	515	803
Finlândia		-	-	-	-		-	-	-	-	-
França		126	116	320	503	539	2 049	1 880	2 008	2 290	1 670
Grécia		-	-	-	-		-	-	-	-	-
Irlanda		52	9	-	-		-	-	-	-	-
Itália		-	-	0	2	5	55	116	15	-	-
Luxemburgo		-	-	-	-		-	-	-	3	4
Países Baixos		109	28	67	8	2	162	29	72	0	103
Reino Unido		659	835	775	649	0	-	-	20	1	3
Suécia		-	24	24	24	17	-	-	-	-	-
União Europeia		1 367	1 386	1 856	1 412	988	3 409	3 770	3 016	3 760	4 219
Países Terceiros		51	48	36	-	-	85	142	58	136	253
Total		1 418	1 434	1 892	1 412	988	3 494	3 912	3 074	3 896	4 472

Nota: para os anos de 1996 a 1998, os dados relativos ao Luxemburgo, encontram-se agregados e registados na linha referente à Bélgica.

Leite e Derivados 1996-2000



Metodologia e conceitos

Metodologia e conceitos

INQUÉRITO ANUAL À PRODUÇÃO AGRO-INDUSTRIAL

1. Enquadramento

O "Inquérito Anual à Produção Agro-Industrial" (IAPI) integra-se na metodologia comunitária definida através do regulamento (CEE) nº 3924/91, do Conselho, de 91.12.19 (Regulamento PRODCOM).

2. Metodologia

Objectivo - Disponibilização de informação anual sobre produtos produzidos, quantidades vendidas e valor das vendas, assim como matérias-primas consumidas, pelas indústrias agro-alimentares.

Âmbito Geográfico - São incluídas no âmbito do inquérito as empresas cuja sede social se encontra localizada no território nacional (Continente e Regiões Autónomas), desenvolvendo actividade quer principal, quer secundária, enquadrável na Secção D - Indústrias Transformadoras (CAE-Rev.2), nomeadamente na Subsecção DA - Indústrias Alimentares, das Bebidas e do Tabaco.

Unidade estatística - São inquiridas as empresas agro-industriais que fazem parte do Ficheiro Geral Unidades Estatísticas (FGUE), sendo a base de observação a unidade de actividade económica.

Universo - O Universo do inquérito é constituído a partir do Ficheiro Geral Unidades Estatísticas (FGUE). Este ficheiro é actualizado quer por fontes administrativas, quer pelos inquéritos dirigidos às empresas realizados pelo INE e possui dados físicos do ano a que reporta a informação do inquérito e dados económicos do ano anterior.

Amostra - A cobertura estatística do inquérito é igual ou superior a 90% do volume de negócios das empresas cuja actividade principal é agro-indústria, atingindo para algumas actividades, uma representatividade próxima dos 100%.

Tipo de recolha de informação - A informação é recolhida via postal.

Periodicidade - A informação é recolhida anualmente.

Variáveis - São observados os produtos constantes da lista comunitária PRODCOM (compatível com a Nomenclatura Combinada) através das seguintes variáveis:

Por Produto

- Quantidades Produzidas

- Quantidades Vendidas

- Valor das Vendas (1 000

Esc/Euros.), para a produção comercializada.

Para o total da actividade

-Valor total de vendas para o mercado nacional, para a União Europeia e para países terceiros.

- Valor dos Serviços Prestados

Para além destas variáveis são também observadas de forma detalhada as matérias primas nos seguintes parâmetros:

- Quantidades consumidas

- Quantidades compradas

- Valor de Compras (1000 Esc.) em

cada ramo de actividade.

Tratamento da informação - Agregação de famílias de produtos da PRODCOM (Lista comunitária de produtos).

Apresentação dos resultados - Agregações a 3, 4 e 5 dígitos da Cae-Rev. 2.

A informação é divulgada na "óptica ramo de actividade": apuramento da informação resultante do exercício de cada actividade a título principal ou secundário.

INQUÉRITO ÀS EMPRESAS HARMONIZADO

1. Enquadramento

A concretização do inquérito abrange um conjunto de conceitos, em particular estatísticos, contabilísticos e económicos, tendo-se utilizado como principais documentos de referência a Base de Conceitos Estatísticos do INE, os Conceitos e Definições do Regulamento, N° 58/97 (CE, EURATOM) sobre estatísticas estruturais das empresas que constam do Regulamento N° 2 700/98, o Regulamento N° 696 (CEE) relativo às unidades estatísticas de observação e de análise do sistema produtivo na Comunidade (15 de Março de 1993) e o Plano Oficial de Contabilidade (POC).

O projecto pretende dar resposta ao Regulamento (CE, EURATOM) N° 58/97 do Conselho, de 20 de Dezembro de 1996, relativo às estatísticas estruturais das empresas.

2. Metodologia

Objectivo: Com os resultados deste inquérito pretende-se disponibilizar informação estatística que permita analisar designadamente a estrutura das empresas; os factores de produção utilizados e outros elementos que permitam medir a actividade, os resultados e a competitividade das empresas; o desenvolvimento regional, nacional, comunitário e internacional das empresas e dos mercados; as particularidades das empresas face às especificidades dos sectores em que desenvolvem a sua actividade.

Âmbito Geográfico: o inquérito tem cobertura nacional – Continente e Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, sendo assegurada a representatividade por Regiões NUTS II.

Unidade Estatística - Esta operação estatística observa as empresas portuguesas em actividade, de acordo com o FGUE - Ficheiro Geral de Unidades Estatísticas, do Instituto Nacional de Estatística (INE).

Universo - O Universo do inquérito é constituído a partir do FGUE do INE, e possui, de um modo geral, dados físicos do ano a que reporta a informação e dados económicos do ano anterior. Foram incluídas, no Universo, todas as empresas constantes do FGUE como activas.

Tipo de inquirição - O inquérito foi realizado por amostragem e de forma exaustiva, de acordo com os seguintes parâmetros

- **amostragem** – empresas com menos de 100 pessoas ao serviço;
- **exaustivo** – empresas com 100 e mais pessoas ao serviço.

Tipo de recolha de informação - A informação é recolhida via postal.

Periodicidade - A informação é recolhida anualmente.

CONCEITOS

Actividade económica principal - Entende-se por actividade económica principal a de maior importância, no conjunto das actividades exercidas pela empresa, medida pelo valor, a preços de venda, dos produtos vendidos fabricados ou das prestações de serviço durante o ano a que o inquérito respeita.

Aumentos de imobilizado - Corresponde aos investimentos em bens corpóreas efectuados, no período de referência, adquiridos ou produzidos pela própria empresa, cuja duração de utilização seja superior a um ano, deduzidos das transferências, abates e alienações.

CAE - Nomenclatura das Actividades Económicas por Ramos de Actividade que classifica as unidades estatísticas produtoras de bens e serviços segundo a actividade económica.

Custos com o pessoal - Corresponde à conta 64 do Plano Oficial de Contabilidade, em que se registam as remunerações fixas ou periódicas atribuídas ao pessoal, qualquer que seja a sua função na empresa, e os encargos sociais pagos pela empresa: pensões e prémios para pensões, encargos obrigatórios sobre remunerações, seguros de acidentes no trabalho e doenças profissionais, custos de acção social e outros custos com o pessoal (onde se incluem, basicamente, os custos de recrutamento e selecção, de formação profissional e de medicina no trabalho, os seguros de doença, as indemnizações por despedimento e os complementos facultativos de reforma).

Custos das mercadorias vendidas e das matérias consumidas (CMVMC) - Corresponde à conta 61 do Plano Oficial de Contabilidade em que se regista a contrapartida das saídas de existências de mercadorias e/ou matérias primas, subsidiárias e de consumo por venda ou integração no processo produtivo.

Empresa - Corresponde à mais pequena combinação de unidades jurídicas, que constitui uma unidade organizacional de produção de bens e serviços usufruindo de uma certa autonomia de decisão, nomeadamente quanto à afectação dos seus recursos correntes. Uma empresa pode corresponder a uma única jurídica.

Empresa (IAPI) - Entidade jurídica (pessoa singular ou colectiva) correspondente a uma unidade organizacional de produção de bens e serviços, usufruindo de uma certa autonomia de decisão, nomeadamente quanto à afectação dos seus recursos correntes. Uma empresa exerce uma ou várias actividades, num ou vários locais

Entrada - Por chegada entende-se a recepção de mercadorias expedidas/exportadas quer de um Estado-membro, quer de um país terceiro.

Endividamento de curto prazo e longo prazo - Corresponde às contas do Plano Oficial de Contabilidade da rubrica Terceiros entre a conta 21 e 26. Abrange portanto a conta Clientes, Fornecedores, Empréstimos Obtidos, Estado e Outros Entes Públicos, Accionistas e Outros Devedores e Credores. Os prazos dos débitos e créditos considerados são considerados curto prazo quando o vencimento for inferior a um ano e médio longo prazo quando superiores.

Fornecimentos e serviços externos (FSE) - Corresponde à conta 62 do Plano Oficial de Contabilidade em que se registam as aquisições de bens de consumo não armazenáveis e o valor dos trabalhos e/ou serviços adquiridos a terceiros. Engloba os subcontratos, ou seja os trabalhos que integrem o processo produtivo e que foram desenvolvidos por recurso e outras empresas.

Localização geográfica - Corresponde à classificação da morada da sede empresa em termos do nível dois da "Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos" (NUTS II) – Decreto –Lei nº 46/89, de 15 de Fevereiro.

No Continente consideram-se cinco regiões (Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve) e nas Regiões Autónomas foram definidas duas regiões.

Outros custos e perdas - Corresponde ao montante de custo e perdas operacionais (não inclui as Contas POC: 61 – Custos das mercadorias vendidas e das matérias consumidas, 62 – Fornecimentos e serviços externos e 64 – Custos com pessoal), financeiros e extraordinários.

Outros proveitos e ganhos - Corresponde ao montante de proveitos e ganhos operacionais (não inclui as Contas POC: 71 – Vendas e 72

– Prestações de serviços), financeiros e extraordinários.

Pessoal ao Serviço - Corresponde ao número médio de pessoas ao serviço durante o ano, determinado pelo quociente entre a soma do número de pessoas ao serviço na última semana completa de cada mês de actividade e o número de meses de actividade empresa. Consideram-se como pessoas ao serviço aquelas que no período de referência participaram na actividade da empresa

Plano oficial de contabilidade (POC) - Conjunto de sugestões, directivas, instruções e normas aprovadas pelo Decreto – Lei n.º 410 / 89, de 21 de Novembro, e as sucessivas actualizações, relativas à organização contabilística das empresas.

Prestações de serviços - Corresponde à conta 72 do Plano oficial de contabilidade das empresas. Poderá integrar os materiais aplicados, no caso destes não serem facturados separadamente.

PRODCOM - Nomenclatura de classificação de produtos comunitária utilizada nos inquéritos à produção industrial que têm por objectivo recensear a produção na actividades enumeradas na Nomenclatura de Actividades Económicas nas comunidades Europeias, secções C, D e E.

Produtos - A lista de produtos apresentada e as respectivas unidades de referência, correspondem à Versão Portuguesa - ajustada - da lista PRODCOM anexa ao Regulamento Comunitário n.º 3924/91.

Quantidades Produzidas - Produtos fabricados (todos os produtos produzidos, passíveis de serem utilizados na fabricação de outros produtos ou vendidos nesse estado) com matérias primas próprias. Inclui também os produtos produzidos por outras empresas (nacionais ou estrangeiras), com matérias primas fornecidas pela empresa.

Quantidades Vendidas - Nas quantidades vendidas consideram-se todos os produtos acabados e intermédios e/ou subprodutos e desperdícios, vendidos durante o ano, incluindo vendas de produtos eventualmente em existência, mas excluindo as transacções efectuadas sobre produtos comprados para venda sem que tenham sofrido qualquer transformação (mercadorias).

Recolha de leite - Diz respeito à entrega de leite cru de vaca pelos produtores nos centros de recolha ou empresas de lacticínios bem como à recolha directa efectuada por estes junto da exploração.

Resultados Antes de Impostos - Corresponde à conta 85 do Plano Oficial de Contabilidade serve para englobar os saldos das contas 81 Resultados Operacionais, 82 - Resultados Financeiros e 84 Resultados Extraordinários. É assim uma conta que resulta de apuramentos constantes nas demonstrações de resultados.

Saída - Por saída entende-se a expedição/exportação de mercadorias com destino quer a um Estado-membro, quer a um país terceiro.

Total de Compras de Matérias Primas Subsidiárias e de Embalagens - Inclui-se nesta rubrica o valor das compras de matérias primas, subsidiárias e de embalagens efectuadas durante o ano civil a que respeita o inquérito, pela unidade de actividade económica, ou pela empresa e, que se destinam a ser utilizados na fabricação de produtos desta actividade económica. A rubrica “embalagens” compreende os objectos envolventes ou recipientes dos produtos, indispensáveis ao seu acondicionamento e transacção, que se destinam a ser facturados embora possam ser susceptíveis de devolução. A valorização é feita a preços de aquisição, excluindo o IVA dedutível.

Trabalho por Encomenda - É todo aquele em que se transforma ou trabalha material fornecido (sem facturação) pelo cliente. Este trabalho (em quantidades) deve se declarado pelo executante nas rubricas “por conta alheia”. O valor a reportar deve ser inscrito na rubrica “serviços industriais prestados” e corresponde ao valor pago pelo cliente, independentemente da sua origem (nacional ou estrangeira). Cliente e executante têm de ser firmas diferentes; não é considerado o trabalho por encomenda entre diferentes unidades da mesma empresa.

Unidade de Actividade Económica - Unidade de observação estatística que reúne dentro de uma empresa o conjunto de partes que concorrem para o exercício de uma actividade da CAE. Trata-se de uma unidade que corresponde a uma ou várias subdivisões operacionais da empresa, independentemente

do local onde é exercida a actividade económica. A empresa deve dispor de um sistema de informação que permita fornecer ou calcular, para cada CAE, pelo menos o valor da produção, dos consumos intermédios, das despesas com pessoal, do excedente de exploração, do emprego e da formação bruta de capital fixo.

Valor acrescentado bruto a preços de mercado (VABpm) - Corresponde ao valor da produção deduzida das compras de bens e serviços (excluindo as subsidiárias e de consumo e deduzidos os outros impostos sobre a produção ligados ao volume de negócios mas “não dedutíveis”.

Valor da produção - Corresponde ao volume de negócios corrigido da variação de “Stocks” (de produtos acabados, trabalhos em curso e bens serviços adquiridos, destinados a revenda); deduzidas as aquisições de bens e serviços destinados a revenda, adicionados da produção imobilizada e de outros proveitos de exploração (excluindo os subsídios). Exclui as receitas e despesas referentes a proveitos e custos financeiros e extraordinários.

Vendas - Correspondem à Conta 71 do Plano Oficial de Contabilidade, em que se regista o valor das alienações dos bens (mercadorias; produtos acabados e intermédios; ou subprodutos, desperdícios, resíduos financeira e extraordinárias.

Volume de Negócios - Compreende os montantes facturados pela empresa, no período de referência, corresponde às vendas de bens e serviço fornecidos a terceiro.

Corresponde à soma das Contas 71 – Vendas e 72 – Prestações de serviço, do Plano Oficial de Contabilidade.

Valor das Vendas - Corresponde ao valor de todos os produtos vendidos durante o ano - valor da produção comercializada (cf. conta POC 712 e 713). A valorização dos produtos é efectuada com base no preço de venda à saída da fábrica incluindo todos os impostos e subsídios correntes de exploração. Este valor abrange também os custos de embalagem, mesmo que estes sejam facturados à parte, nem os descontos concedidos aos clientes. No caso de aluguer de produtos acabados - e também de “leasing” - (por exemplo,

equipamento informático e telefónico, máquinas de lavar, ou outros) deve ser indicado o valor estimado da receita atingível por esse produto no mercado.

Nos produtos vendidos incluem-se:

- Os fabricados com matérias primas próprias
- Os que tenham sido mandados fabricar a terceiros, com matéria prima fornecida, para o efeito, pela empresa.

Nos produtos vendidos excluem-se:

- Os produtos fabricados, por conta de terceiros, com matérias primas por eles fornecidas.

Valor dos Serviços Industriais Prestados a Terceiros - Respeita aos trabalhos e serviços prestados durante o ano que sejam próprios dos objectivos ou finalidades da unidade declarante (cf. conta POC 72).

Leite e Derivados 1996-2000



Variáveis Inquiridas

INQUÉRITO ANUAL À RECOLHA, TRATAMENTO E TRANSFORMAÇÃO DE LEITE

- NPC
- CC/FR
- Tipo de unidade:
 - * centro/empresa de recolha de leite (exclusivamente)
 - * empresa de lacticínios
 - * exploração agrícola
- Situação da actividade (31 de Dezembro):
- Recolha directa de leite (vaca, ovelha e cabra) por Região Agrária de origem:
 - * nº de produtores que entregaram leite em Dezembro
 - * quantidade de leite recolhido durante o ano (litros)
 - * teor médio em matéria gorda e proteína (%) do leite de vaca
- Matérias-primas recebidas de outras unidades durante o ano; de origem nacional e importado:
 - * leite cru e/ou termizado a granel ou em embalagens de 2 litros ou mais
 - * leite desnatado termizado a granel ou em embalagens de 2 litros ou mais
 - * nata industrial a granel ou em embalagens de 2 litros ou mais
 - * leite em pó
- Matérias-primas saídas da unidade durante o ano para outras unidades:
 - * leite cru para consumo público
 - * leite desnatado e leite de vaca devolvidos às explorações agrícolas
 - * leite cru, termizado ou pasteurizado a granel ou em embalagens de 2 litros ou mais
 - * nata industrial a granel ou em embalagens de 2 litros ou mais
- Destino do leite:
 - * leite cru, termizado ou recombinado destinado à produção de leite para consumo público
 - * leite cru, termizado ou recombinado destinado ao fabrico de produtos lácteos
 - * total de leite cru tratado e/ou transformado
- Produtos lácteos fabricados:
 - * leite para consumo público
 - * nata embalada para consumo público
 - * leites acidificados (iogurtes e outros leites acidificados)
 - * bebidas à base de leite, sobremesas lácteas e gelados de nata
 - * manteiga e derivados
 - * leite concentrado
 - * produtos lácteos em pó
 - * soro total disponível
 - * outros produtos lácteos
 - * queijo de vaca, cabra, ovelha, de mistura e outros queijos
- Existências de leite e produtos lácteos em 31 de Dezembro

INQUÉRITO ANUAL À PRODUÇÃO AGRO-INDUSTRIAL

- Identificação da empresa:
 - * designação social (firma)
 - * NPC
 - * endereço
 - * DT/CC/FR
- Caracterização e situação da empresa:
 - * em actividade
 - * com actividade suspensa
 - * dissolvida em
 - * nº de meses de actividade no ano
- Produto (CAE 15110 a 16000):
 - * unidade
 - * código
 - * quantidades produzidas
 - * quantidades vendidas
 - * valor das vendas

- Valor total das vendas:
 - * mercado nacional
 - * C.E.
 - * países terceiros
- Serviços prestados
- Matérias-primas:
 - * unidade
 - * código
 - * quantidades consumidas
 - * compras (quantidades e valor)
- Total de compras de matérias-primas, subsidiárias e de embalagem:
 - * por mercados
 - * existências de matérias-primas no início e no fim do ano
 - * existência de produtos em vias de fabrico no início e no fim do ano
 - * existência de produtos acabados no início do ano e no fim do ano
- Fontes energéticas:
 - * unidade
 - * código
 - * quantidades consumidas
 - * valor de consumo (1000 esc.)
- Total de energia consumida

Nota: A informação é obtida para a lista de produtos da Nomenclatura PRODCOM. Esta Nomenclatura pode ser alterada anualmente. A PRODCOM codifica a produção industrial e encontra-se directamente relacionada com a Nomenclatura Combinada.

INQUÉRITO ANUAL AS EMPRESAS

- * euros
- * escudos
- Dados gerais da empresa:
 - * identificação: designação social; NIPC; localização da sede DT/CC/FR
 - * situação da actividade
 - * caracterização: actividade principal CAE Rev. 2
- Pessoal ao serviço, prestadores de serviços e duração do trabalho
- Balanço
- Demonstração de resultados
- Fornecimentos e serviços externos
- Custos com o pessoal
- Activo bruto: discriminação; saldo inicial; reavaliação/ajustamentos; aumentos; alienação; transferências e abates; saldo final
- Imobilizado incorpóreo e corpóreo : aumentos
- Amortização e provisões
- Custos das mercadorias vendidas e das matérias consumidas
- Variação da produção
- Demonstração dos resultados financeiros
- Demonstração dos resultados extraordinários
- Distribuição dos resultados
- Empresas do grupo e associados
- Relação com os mercados externos
 - * países da União Europeia
 - * outros países
- Estabelecimentos:
 - * nº de estabelecimentos
 - * caracterização e localização do(s) estabelecimento(s) no território nacional: DT/CC/FR; situação; CAE Rev. 2
 - * dados do(s) estabelecimento(s) no território nacional: pessoal ao serviço; contas POC
 - * caracterização do(s) estabelecimento(s) localizado(s) no estrangeiro: CAE Rev. 2
 - * dados do(s) estabelecimento(s) localizado(s) no estrangeiro: pessoal ao serviço; contas POC

-Actividades da empresa:

* caracterização da actividade da empresa CAE Rev. 2; principal; secundária; auxiliar

* dados da actividade da empresa: pessoal ao serviço; contas POC

SISTEMA INTRASTAT FORMULÁRIO "N"

-Designação das mercadorias:

* estado-membro de proveniência

* estado-membro de destino

* região de destino

* condições de entrega

* natureza da transacção

* modo de transporte

* porto ou aeroporto de descarga

* código das mercadorias

* país de origem

* regime estatístico

* massa líquida (em kg)

* unidades suplementares

* montante facturado

* valor estatístico

NOTA: O INE fixa anualmente, os limiares estatísticos de assimilação, por fluxo, pelos quais são definidas as obrigações dos responsáveis pelo fornecimento da informação. Esses limiares estatísticos serão válidos durante o ano civil.

DOCUMENTO ÚNICO - IMPORTAÇÃO – Declaração

-Expedidor

-Formulários

-Listagem de carga

-Adições

-Total de volumes

-Nº de referência

-Destinatário

-Responsável financeiro

-País proveniente

-País produtor

-Elementos do valor

-Declarante

-País de expedição

-Código do país de expedição

-Código do país de destino

-País de origem

-País de destino

-Identificação e nacionalidade do meio de transporte à chegada

-Condições de entrega

-Identificação e nacionalidade do meio de transporte activo na fronteira

-Moeda e montante total facturado

-Taxa de câmbio

-Natureza da transacção

-Modo de transporte na fronteira

-Modo de transporte no interior

-Local de descarga

-Dados financeiros e bancários

-Estância aduaneira de entrada

-Localização das mercadorias

-Volumes e designação das mercadorias:

- * código das mercadorias
- * código do país de origem
- * massa bruta (Kg)
- * regime
- * massa líquida (Kg)
- * contingente
- * declaração sumária
- * unidades suplementares
- * preço da adição

-Referências especiais/Documents apresentados/Certificados e autorizações:

- * valor estatístico

-Cálculo das imposições:

- * tipo
- * base de tributação
- * taxa
- * montante

-Deferimento de pagamento

-Identificação do armazém

-Dados contabilísticos

-Estâncias de passagens previstas (e países)

NOTA: A periodicidade que figura nas características deste inquérito, refere-se ao apuramento da informação, e não à recolha, dado este ser um acto administrativo.